

TRANSCRIÇÃO DA AUDIÊNCIA PÚBLICA DA COMISSÃO ESTADUAL DA VERDADE TERESA URBAN – PARTE I¹

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES²: Boa tarde a todos presentes nessa nosso bate-papo aí da Comissão Estadual da Verdade com os companheiros dando depoimento Claudemir, o João? E o Dival. É, a gente vai fazer um bate-papo bem tranquilo, que possa extrair um pouco da vivência do que que vocês passaram nesse período, é, de graves violações que aconteceram no Brasil, né, pós 46, é, o recorte que a Comissão Estadual da Verdade dá, de 46 a 88, e mais, uma ênfase voltada ao recorte da Ditadura Militar, a partir de 64. Então é nossa obrigação trazer [...] esse debate, fazer com que a sociedade conheça as histórias de vida dos companheiros que sofreram graves violações, que conheçam suas histórias. É, o companheiro Jefferson que tem, é, acompanhado bem de perto, né, que tem feito os contatos, que, na verdade, vai nos ajudar aí a fazer essa conversa pra que a gente possa conhecer um pouquinho mais a trajetória, é, de vocês, né, da realidade da comunidade de vocês, é, no sentido de extrair essa contribuição, é, pra resgate da memória, verdade e justiça, né, e também, pra que sirva como subsídio, aí, para os estudiosos, pra que pioneiros, né, da história do Paraná possam contar a versão, é, daqueles que não tiveram oportunidade de contar suas versões através, né, da história oficial que se contou, que é a história que a gente conhece, a história dos livros, a história oficial. Então, é esse o momento da Comissão da Verdade. A coleta de depoimentos que nós fizemos ao longo desse um ano e meio de trabalho, e segue pra que a gente possa, é, além de construir um relatório, que vai ser criado à Comissão Nacional da Verdade, e possa também dar novos subsídios à história que o paranaense e a história brasileira sobre,

¹ Audiência Pública da CEV Teresa Urban ocorreu em Maringá em 04 e 05 de agosto de 2014. A audiência foi organizada CEV-PR, Fórum Paranaense de Resgate da Verdade, Memória e Justiça, e o professor da UEM, Angelo Priori, integrante do Núcleo da Comissão Nacional da Verdade em Maringá. Os depoimentos dos Xetá e Kaingang ocorreram em dois momentos: Primeiro no Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-História – LAEE. As realizações da oitiva com os indígenas teve a colaboração dos profs. dr. Lucio Tadeu Mota e prof. dr Eder da Silva Novak coordenadores do LAEE que também colaboraram com a gravação e transcrição dos depoimentos. No segundo momento os indígenas foram ouvidos no Auditório da Câmara dos Vereadores de Maringá.

² Integrante da Comissão Estadual da Verdade Teresa Urban.

é, histórias que não eram conhecidas. Então vamos começar o trabalho ouvindo os companheiros, primeiro o Jefferson.

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES³: Bom, eu acho que eu já conversei mais diretamente com o senhor Tapixi, né, João Maria, a ideia nossa é entender como que a ação da FUNAI, no período que nos compete à Comissão da Verdade, é, violou povos indígenas. Peço que as pessoas comecem falando, o que os professores aqui conhecem bastante, podiam ajudar a gente a introduzir. Mas basicamente o que a gente encontrou, assim, nos relatos dos professores falam da forma com que os Xetá, foram, retirados as terras deles. Então, fala da questão de mortes, da questão das jagunçagens, de grandes empresas, grandes proprietários, falam da ação da FUNAI e do SPI que se omitiam prestar socorro, e se omitiam o que devia ter protegido, e que sabia, que foi visitar as áreas e não protegeu os indígenas, como é a sua função, né, que em alguns momentos recebeu ofício com denúncias oficiais de órgãos do Estado e não se posicionou, no caso, ali, do senhor João...

JOÃO MARIA TAPIXI⁴: Tapixi.

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: Tapixi tem as questões das prisões que aconteceram lá no entorno da retomada da Terra do Cedro? E da outra, ali é a, desculpe, eu esqueci o nome da outra terra que tinha da gleba, que havia em Água Branca?

JOÃO MARIA TAPIXI: Água Branca e Pedrinha.

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: Isso! Da retomada das prisões que aconteceram durante o período... Que o senhor e sua família foram presos. E também tem outros casos. O envolvimento de dois Generais. O Coronel Nóbrega, e outro Coronel

³ Historiador, assessor técnico Centro de Apoio Operacional das Promotorias de Justiça de Proteção aos Direitos Humanos Ministério Público do Estado do Paraná.

⁴Ex-cacique Kaingang, liderança de movimento social indígena que participou de mobilizações no norte do Paraná no início dos anos oitenta (TOMMASINO, 1995 e 2014).

que eu acho que era Guilherme, que vieram visitar, né, que eram [...] da FUNAI. Todas essas histórias, da questão do tronco, da existência do tronco, da cadeia indígena. Das prisões que vão contra qualquer reivindicação, todas essas histórias a gente quer retomar, porque entende que está ligada à ação do Estado, afinal de contas, o Estado, a FUNAI era dirigida por oficiais do Primeiro Escalão do Exército brasileiro. Basicamente são essas que são as questões.

SCHIRLE MARGARET DOS REIS BRANCO⁵: É eu só gostaria de dizer também faço parte como colaboradora dessa Comissão que vem viajando o estado buscando essa verdade. E nós queremos aqui que vocês ficassem muito à vontade, assim, sem preocupação. Que às vezes 'ai, agora vou dar uma entrevista aqui, um “depoimento”, mas gostaríamos que ficassem bem à vontade. Os professores são muito... nós queremos aqui registrar isso. A importância dos professores Lúcio, o professor Eder, que está convivendo, sabendo bastante dessa história, mas que estão juntos, né, aqui, pra dar isso, pra ajudar, que todos aqueles indígenas do passado. Que que tiveram todas essas coisas que aconteceram, vem agora a gente trazer mais verdades que às vezes não tá bem dita. As mulheres também, eu sou mulher. Como como que as nossas mulheres indígenas sofreram nesse período. Quantas vezes expulsas das terras, ou às vezes, ficavam na terra e os indígenas iam, separavam. Então isso é importante à gente saber um pouquinho também.

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: E tem só mais uma coisa aqui. Além de contar a história e tornar a história pública pra todos, índios e não-índios. Tem num capítulo que se chama recomendações, que a gente vai recomendar a lei da continuidade das investigações, porque dependendo dos crimes elas não prescrevem, no Brasil tem esse problema que as pessoas não são condenadas, tem países que as pessoas foram, é, não, é, podem passar anos e anos, décadas, mais de uma década e a pessoa que cometeu o crime pode ser condenada, inclusive a prisão, aconteceu isso na Ar-

⁵ Socióloga do Centro de Apoio Operacional das Promotorias de Justiça de Proteção aos Direitos Humanos Ministério Público do Estado do Paraná.

gentina, por exemplo, é, mas outra coisa que pode acontecer também é essa Comissão investigar reparação individual a algum indígena, por exemplo, teve um indígena no Brasil, do Pará, que ele foi, que foi anistiado e como foi entendido que ele teve uma perda material, ele recebeu uma indenização, como outros presos políticos. Isso, se você vai acompanhando os jornais, dá pra ver um pouco. É fora isso, têm reparações no coletivo: Aumento na política de defesa dos direitos humanos, por exemplo, é uma questão que o movimento indígena tem reivindicado, novas medidas demarcatórias de terras indígenas, e outras questões do Estado, e outras políticas públicas, que aí são reparações individuais, e são reparações coletivas, então, essa é uma parte, né, além de contar história, produzir materiais que contam todo isso, pra ajudar a diminuir preconceito, conflitos, melhorar a situação socioeconômica da população indígena. Essa é outra tipo de reparação...

LÚCIO TADEU MOTA⁶: Então, eu acho que é o momento deles falar, a gente estuda mas a gente trabalha com documentação e também com história oral e, mas acho que é o momento de chocar. Falar da história do povo Xetá que tá no Rio Ivaí, nossa, nossa pesquisa, traz a presença deles desde 1820 já tem relatos falando do povo Xetá no vale do Ivaí, até a década de 50 quando aí tem um contato oficial, e o Estado do Paraná. Tem uma política de retirá-los daquele local, e distribuí-los. Os sobreviventes em várias partes do Paraná, e a partir daí o Estado do Paraná, faz a negociação daquelas terras lá que estavam com os Xetá. E o povo Kaingang, também, é, aí já os dados de arqueologia mostram a presença muito profunda na história, podendo chegar aí a dois mil anos antes do presente da população Kaingang na região e, é, tem uma farta documentação do Brasil colônia, da Província do Paraná, do Estado do Paraná sobre a população Kaingang, e eu acho que o Tapixi, né, o senhor João Tapixi tem essa história mais recente a partir dos anos 50, é, que ele viveu, né, nas lutas do povo Kaingang, é, na região do Rio Tibagi, né, não só de uma parte, mas de várias terras do Rio Tibagi. Acho que é o momento dele, né, falar.

⁶ Prof. dr. do Departamento de História da Universidade Estadual de Maringá, integrante do Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-História da UEM.

JOÃO MARIA TAPIXI: Então vamos lá, deixa eu pensar bem pra não falar coisa errada. De 53 pra cá eu tenho algumas histórias. De 53 pra cá não existia cacique, existia capitão, capitão dos índios. E esse capitão eu, eu assistia, ouvia, eles fazia o que o chefe do posto mandava. O índio cometia um erro, podia ser um erro simples, ele era castigado, conforme o seu erro tinha seu castigo, e ele era amarrado, alguns casos ele era surrado mesmo, ele tinha seis [...], cada [...] dava duas lombada, o índio tinha que tirar a camisa pra levar as duas lambadas. Isso eu vi muitas vezes e ficava [...] assim, na minha pequena memória, eu fico emocionado porque passei por horas difícil, nunca apanhei de chefe nenhum, nem de capitão, nem de cacique, mas eu via as coisas assim e não tava certo na minha cabeça, mas aquilo foi passando, né, e de vez em quando o chefe chamava o capitão, aí o capitão ia lá pra inspetoria que era em São Jerônimo, capitão da Pedrinha ia pra São Jerônimo na inspetoria conversar com o chefe de posto, conversava com o chefe de posto [...] lá vinha o capitão e daí fazia uma reunião com "nóis" com a comunidade indígena e explicava o que que o chefe detalhou: *"se vocês fizer isso, fizer aquilo, fizer isso, fizer aquilo, vocês vão ser punidos"*, e a lei era a lei e continuava. Chegou um determinado tempo, eu conheci três capitão, depois passou pra cacique, depois de um determinado tempo, o capitão chegou e fez uma reunião e falou assim ó: *"eles vão manda os não índios fazer roças dentro da área indígena, beira di rio do [...], e daí, eles, nos, vou pegar a roça do dono da roça, que nos vamos fazer a roça"*. Falava em ser safrista, cara só criava porco, nos vamos fazer a roça pro safrista e ele vai pagar pra nos. Então é uma ajuda que a FUNAI tá dando, aqui não é a FUNAI é SPI é uma ajuda que o chefe tá dando pra nos que ele tá criando um trabalho pra nos dentro da terra indígena pra nois não saí trabalhar por que os índios saia muito e vinha pra colônia, japonês que era. Aí não precisa vocês sai e larga as família aqui pra ir trabalha pra longe, vamos trabalhar aqui mesmo, e desse jeito ia né, três, quatro, cinco grupo de índio ia trabalhar. Lá eles matavam porco, trabalhavam. Os índio de antigamente eram muito bom pro trabalho, muito bom mesmo, só não gostava de trabalhar de domingo, hoje que nos somos meio vagabundo. E isso continuou, foi continuando, na verdade passava de um

ano pro outro gastava tudo aquele dinheiro que foi pego pra fazer aquele trabalho, eles já pegavam outro serviço pro outro ano, e pra frente dele e largava daquele lugar e ia pro mato de cima, ai ia derrubar mato do outro lado mas encostado. Dai ali nos continuava trabalhando, nesses tempo. Eu não trabalhava ainda, mas o povo trabalhava. Aí agente, e ia ali, qualquer erro que saia, por exemplo, era castigado ali mesmo, ali mesmo eles amarrava ele, eles tinham muito costume de trocar de mulher, e essa troca de mulher era castigado, bem castigado, então, eram castigados, pois tomavam a mulher um do outro , ai eles eram castigados por causa disso ai. Então, volte e meia, o capitão era chamado lá no chefe de posto e vinha, chegava fazer uma reunião, vinha novas normas: olha, nos temos que fazer um trabalho este ano e não gastar muito , ta ficando devendo muito pro patrão, e o patrão não ta aguentando, e depois "nois" pensou, acho que a gente gastava muito , e acho que o chefe do posto. Com o lucro lá, por que eu tenho certeza que o lucro vinha mesmo, então não pode gasta muito, nos temos que gasta pouco, tinha uns que desistia e ia embora, e alguns que desistiam e iam embora, eles ficavam devendo pro capitão, pro capitão que era responsável lá pro dono do serviço, ai os índios escapavam e iam embora. Ia atrás e trazia de volta, dai davam um castigo, um exemplo de castigo tinha que trabalhar...

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: O líder era indígena também?

JOÃO MARIA TAPIXI: Era indígena também, era indígena também. Ele tinha que trabalhar segunda, terça, quarta, quinta, sexta e sábado até meio dia, então naqueles dias que ele trabalhava tinha dois dias que ele perdia, aquele dia era do capitão, **e ele tinha fugido do serviço, por que ele tava pagando o castigo ali**, serviço. E essa luta foi bastante tempo. Eu vivenciava aquilo ai sabe, e dizia: mais isso tá errado sabe, ai eu tentava assim, por que eu não estudava, não tinha escola, era mato onde eu morava, tudo mato. Então eu vivia no mato junto com os outros indinhos caçando bicho, passarinho, pescando na beira do rio, mas eu presenciava aquilo. Pensava comigo assim: *“o dia que eu crescer eu vou ter que sair daqui, não vou poder ficar aqui,*

por que essa lei comigo, não serve essa lei”. E daí fazia o máximo pra não errar Fazia de tudo pra não errar, eu perdi o medo do chefe de posto em setenta e nove, que eu perdi medo de chefe de posto, por que teve um chefe que me orientou que eu [inaudível] dele até hoje. Se chama Cornélio Vieira de Oliveira, ele me orientou como é que era o sistema, falou é assim...

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: Como era o nome, Cornélio...?

JOÃO MARIA TAPIXI: Cornélio Vieira de Oliveira, falou: *“Tapixi, é assim, assim, assim”.* E daí eu já tava estudando, nesse tempo eu já tava estudando a [...] do Cedro, e era uma outra área que tava invadido por posseiros. Aí falei, eu não posso viver nessa vida, mas aí eu fiquei moço, casei, mas sempre ali me cuidando, daqui, dali, coisas que, você sabe, uma coisa leva a outra. Quando eu ia me informando que eu não sei lê, não sei escrever, e eu não sei escrever por que a minha vó índia não deixou eu estudar, falou: *você não precisava estudar, e esse é uma história, aí foi passando o tempo de repente..* O chefe chamou, aí o capitão voltou e falou assim: *“Eles vão derrubar esse pinha aqui, pinheiros que era encontrados nos galhos assim, vocês vão tirar e levar pra serraria pra fazer [...] pra serrar na serraria Garcia, pra “nois” fazer casa pro índio”.* E sabe que tinha vez que saia nove caminhão carregado?! Mas casa mesmo eu não vi nenhuma, nenhuma casa, acabaram com os Pinheiros, acabaram com as perobas, mas casa pra "nois" não fizeram nenhuma, nenhuma.

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: E você trabalhava com a promessa de que ia ter casa pra comunidade?

JOÃO MARIA TAPIXI: É, que ia fazer casa pra cada família, pra cada família ter uma casa, e um clube que os índio gostava muito de divertir, e gosta até hoje, pra fazer um clube, só que nunca fizeram, nenhuma casa nenhum clube, nunca fizeram. E aí a gente foi indo, vivendo naquela luta né, depois chegou [...] depois que acabou os Pinheiro, um posseiro cortou o lote lá, chamava-se Jorge Sales de Badarse...

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: Jorge?

JOÃO MARIA TAPIXI: Sales de Badarse, comprou uma fazenda la dentro da região...

SCHIRLE MARGARET DOS REIS BRANCO : Jorge Sales?

JOÃO MARIA TAPIXI: De Badarse.

SCHIRLE MARGARET DOS REIS BRANCO: Badarsa?

JOÃO MARIA TAPIXI: Badarse.

SCHIRLE MARGARET DOS REIS BRANCO: Badarse!

JOÃO MARIA TAPIXI: Esse, esse posseiro, ele entrou lá e montou uma serraria lá, eu trabalhei seis anos na serraria dele, ai ele acabou [...]

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: Ele acabou com o resto?

JOÃO MARIA TAPIXI: Acabou com o resto dos pinheiro, acabou com as peroba as últimas perobas que eu ajudei a tirar ainda, aqui tem a pirambeira, pra ir pra beira do Tibagi, e as ultimas que tinha era lá assim, bem aqui assim, ainda eles eram "meia" tortas em cima assim, pirambeira mais ou menos trinta quarenta metros, ai foi a primeira vez que eu vi um cara de moto serra, uma moto serra grande [...], eles me amarravam por aqui assim, daí passava a corda num pau lá, eles ficavam segurando e eu funcionava a moto serra e cortava pendurado assim [...] ai fazia um tal de barriga [...] e ai me puxavam um pouco pra cima, eu tomava um fôlego, ai virava por cima [...] lá embaixo, ai vinha também o guincho, ai descia arrastando, não era só eu né , nos era em quatro, só que índio mesmo era só eu, os outros três não era índio, ai a gente descia la e jogava um cabo de aço e dava umas volta por lá , descia lá, "ponhava" um

cabo de aço aqui assim, com um "ganchão" desse tamanho pendurado aqui, descia arrastando chegava la na peroba cortava o beiral em três pedaço, dava um pio, uma piada e o guincho funcionava e levava lá em cima, assim foi as últimas perobas que nos "tiremos". Quando foi fevereiro, março ou setembro [...] fizeram [...] um despejo em uma parte da reserva indígena, fizeram na Pedrinha e Água Boa, tiraram a serraria, mas eles tiraram eles já quando já não tinha mais nada, eles já tavam pegando madeira fora e levando la pra serrar. Então foi a vivencia que a gente teve [...] muitas coisas...

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: Seu João...

JOÃO MARIA TAPIXI: Pode perguntar!

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: quando o senhor falou que a época que o senhor brincava, caçava e tal, mas via aquela situação, que idade que o senhor tinha?

JOÃO MARIA TAPIXI: Eu tinha ai, foi em cinquenta e três por ai...

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: Mil novecentos e cinquenta e três?

JOÃO MARIA TAPIXI: Eu nasci [...]

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: Aí o senhor já se atentou para aquela realidade lá?

JOÃO MARIA TAPIXI: Já sabia já...

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: Tinha doze treze anos e já tinha se atentado pra aquela realidade apesar de não ser, apesar de não trabalhar ainda...

JOÃO MARIA TAPIXI: Não, a gente fazia umas coisinha sim, buscava água levava água pro pessoal que tava trabalhando, quando eles quebrava o cabo da ferramenta levava outra ferramenta, [...] e assim a gente fazia, ia fazer uma picada no meio do mato assim, se faz aqui uma picada, duas picada, três picada, agora esta daqui assim [...] as vezes ficava aqui um outro ia lá, daqui ele dava um grito aqui, um grito ali e ia gritando se certinho e cada um ia pra lá e um pra cá, e desse jeito "nois" ia...

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: Interessante...

JOÃO MARIA TAPIXI: Assim a nossa engenharia é...

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: E o senhor não pegou essa época ai do, do líder e dos, do capitão, né, dos líderes, né? Os líderes que o senhor falou era indígena?

JOÃO MARIA TAPIXI: Era indígena.

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: E o capitão?

JOÃO MARIA TAPIXI: Era indígena.

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: Era indígena também?!

JOÃO MARIA TAPIXI: Era indígena também

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: O capitão também era indígena?

JOÃO MARIA TAPIXI: Também era indígena.

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: E o tal do patrão?

JOÃO MARIA TAPIXI: O patrão não.

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: O patrão era o posseiro, o que era?

JOÃO MARIA TAPIXI: Ele era de fora, começando a entrar na terra indígena, ele entrava como arrendatário, arrendava um chefe. Ele ia lá no chefe de posto, daí ele arrendava com o chefe de posto, depois chamava o capitão, eles arrendavam pro safrista, com ordem do safrista pagar pro capitão serviço [...] cada serviço que fazia.

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: E os índios eles não ganhavam...

JOÃO MARIA TAPIXI: Ganhavam, ganhavam e recebiam.

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: Mas muitos, igual o senhor falou, muitos, é, davam prejuízo pro patrão...

JOÃO MARIA TAPIXI: Davam prejuízo pro patrão.

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: Ou seja, trabalhavam e ainda assim davam prejuízo?

JOÃO MARIA TAPIXI: Davam prejuízo pro patrão.

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: Tá certo, pode continuar, fazer sua...

JOÃO MARIA TAPIXI: Uma vez, eu me lembro, foi em cinquenta e cinco, chegou um trator de esteira de corte, esse trator de esteira fazia terra pra "destocar" com os índios, e "destocou", na cede do posto [...] "destocou" ai mais ou menos vinte e cinco alqueires, e o chefe do posto plantou tudo de arroz, ai "nois" era obrigado limpa aquela lavoura todinho, chamava, ia limpa e limpava tudo na enxada, uma comida ruim,

ruim, ruim que Deus me livre, cozinhava em duas panelas deste tamanho assim, os últimos que ficavam quase não comia. Dizia que aquela lavoura era pra dividir com os índios, só que ele nunca dividiu, nunca dividiu com os índios, ai esse trator, ele falou assim ó: *“Pra cuidar dessa lavoura foi feito uma dívida no armazém São Jerônimo, com o dono do armazém, chamava Lúcio Felício”*. Falou, ficamos devendo lá nesse armazém, então o trator agora vai fazer terra na fazenda do Lúcio pra pagar a dívida, esse trator veio de lá depois de quatro cinco anos, ele veio, mas ele não já prestava mais, ai encostaram ele lá e apodreceu. Esse trator quando chegou, chegou um índio, o trator chegou num dia dali uns três dias chagou um índio do Rio Grande do Sul pra trabalhar com o trator, que ele era tratorista, chamava-se Benito Amaral, esse índio chegou e foi trabalhar com o trator e casou com uma mulher, e esse chefe de posto, ele mandou esse índio trabalhar com o trator lá na fazenda, onde foi. E ele ficou com a mulher do índio, o chefe do posto, passado uns dois três meses, o índio fugiu, só que o índio fugiu e levou a mulher e o sogro, nesse tempo. Não tô me lembrando, mas parece que a FUNAI era no Rio de Janeiro, por que o índio saiu dali e foi a pé no Rio de Janeiro com a família denunciar o chefe. Dali uns tempos chegou uma punição e foram chamar meu sogro, pro meu sogro contar como é que é, por que meu sogro era muito ligado ao chefe de posto lá, ele era muito esperto mesmo, sabia como ele levava [...] E em vez de ser castigado ele castigava os outros junto com o chefe, ai eles vieram perguntar pro meu sogro, e meu sogro explicou tudo [...], Dai eles falaram assim: *“Daí o chefe vai embora”* [...], ai mandaram o chefe embora, ninguém apareceu, o índio ficou seis meses andando pra chegar de volta, ai quando ele chegou aqui de volta, o chefe falou: *“Ó, você precisa ir embora, se não pode mais ficar aqui”*. Aí meu sogro [...] falou assim: *“Ele não vai embora, por que ele é casado com minha filha, minha filha não vai com ele e eu não vou deixar ele ir embora, quem vai embora é você, você não é daqui, você não é índio, você não pode ficar aqui”*. Por causa de chefe de posto "nois" sofreu na estrada andando pra poder tirar chefe de posto, e agora você quer mandar minha gente embora?! Falava desse jeito e eu escutando ele falar, ai ele se aquietaram [...] então aconteceu tudo isso [...] capitão, cacique fazia aquilo que ele mandava, não era assim de primeiro, agora não, hoje não

existe safadeza [...] mas hoje os cacique é, eles tem as leis deles lá dentro, e eles trabalham com essa lei, as vezes eles quer inventava, os próprios índios fala pra ele nos não somos cavalos pra "encavalar" [...]. Eu tinha um tio [...] esse cara, ele conheceu todo mundo [...] tinha seus duzentos porcos na beira do Tibagi, metido a safrista, pois o chefe deu em cima até que eliminou o índio, arrumou um cara pra matar ele, pra brigar com o índio, o índio acabou dando tiro no cara que tava lá, era um ex-policial, quando o índio deu um tiro [...] o chefe pegou ele e mandou embora, mandaram ele pra Curitiba e de Curitiba mandaram ele pra outra aldeia, ele ficou três anos lá, então o chefe de posto foi acabando [...] acabou com tudo, ai quando ele voltou, o índio morreu de nervoso, mataram o índio de "nervo". O índio fazia, ele era acostumado a fazer festa de São João, quando chegava o dia de São João o índio ia fazer a festa, ele chorava [...], "nois" sabe que pra conseguir é difícil pra destruir é "facinho". E eles só não me eliminaram por que a gente deu uma de esperto com eles, sabe?! Tem hora que tem que se humilhar pra eles né, e escapar das emboscadas. Mas eu fui muito perseguido. Ultimamente, deixa eu ver se lembro de mais alguma coisa. Em oitenta e quatro, briguei com chefe de posto, tinha uma lavoura de algodão, e essa lavoura de algodão, o encanamento da água ia pra escola, passava no meio da minha lavoura, pra mim passar veneno no algodão, eu precisava puxar água nas costas com dois jarros, oitocentos metros, e tinha que puxar nas costas, pegava uma vara comprida assim, amarrava três galão de vinte litros cheio d'água, e "ponhava" um assim, um de assim, outro de assim, um pegava lá, outro pegava aqui, levava de dois, aqueles "galãozão" pendurado pra encher dois tambor de duzentos litros lá no meio da roça pra passar veneno no algodão, e eu pegava dois galão nas mão assim mão, subia com cinco galão em cada viagem, e aquele encanamento passava assim, e eu falava assim: *"Mas eu precisava, se estourasse esse cano aqui, pegava água aqui."* E eu já tava de marcação com o chefe por que ele tinha um tal de projeto que eles falam, eu nem gosto nem que fala nesse negócio de projeto na minha vida, um tal de projeto que eles falam, pra lavoura, e esses índio tinham que passar a semana inteira uma família com cinco filhos, a semana inteira com dois quilo de açúcar, dois quilo de arroz e um de gordura, e eu já tava enfezado com aquilo, e ele também tava enfeza-

do comigo, ele fazia reunião pra trabalhar, e tinha que trabalhar todo dia pra cuidar da lavoura, e eu ia uma vez por semana, eu tinha meus afazeres e não podia tá indo todos os dias. Ai tava, daí ficava eu, meu irmão, minhas três irmãs, minha mãe com sessenta e três anos, e assim um dia passando com o cavalo assim, arrancou aquele cano que passava de água, e arrebentou o cano, [...] já emendei o cano no jeito de encher o meu galão, daí não atrapalhou a água da escola, ai enchi, e falei: “*De noite vamos encher o galão, fomos lá e enchemos mesmo dois tambores*” . Daí no meio sempre tem um curioso que puxa o saco do chefe do posto, e ele trabalhava comigo, e foi e contou pro chefe do posto, no outro dia quando foi seis horas da tarde, ele mandou me chamar, ele reuniu tudo, parou o pessoal na hora de tomar o café, parou o povo de trabalhar, daí mandou me buscar, o índio foi me buscar e me trouxeram, ai fui eu e meu irmão [...]eu fui chegando né, mais nervoso, nervoso, ele falou pra mim, mas você cortou o cano? Não, não cortei, eu arrebentei o cano, ele falou: mas você pegou a água? Lógico, então já emendei “ponhei” um registro certinho, eu fecho o registro, encho os galão de noite, não te ninguém na escola de noite [...], ele falou: mas você não pode fazer isso, eu já fiz e ta feito, digo, e to nervoso com você, ele falou: por quê? Ele é um polaquinho baixinho assim, disse: por que você ta, o pessoal fica uma semana com dois quilos de açúcar e dois quilos de arroz pra passar a semana Gilberto, se ta deixando, os homens tão passando fome ai, ele falou: mas aqui quem manda sou eu, quando ele falou “quem manda sou eu” eu fui em cima dele, quando eu fui em cima dele, ele meteu a mão na cintura e “rancou” um revolver, quando ele “rancou” o revolver uma índia por trás tava com um litro de tomar café né, a índia veio por trás e deu uma “litrada” na cabeça dele e ele saiu meio de quatro pé assim, a camioneta tava ali assim, ele correu na camioneta e foi embora.

SCHIRLE MARGARET DOS REIS BRANCO : Seu Tapixi, esse Gilberto era da FUNAI?

JOÃO MARIA TAPIXI: Da FUNAI.

SCHIRLE MARGARET DOS REIS BRANCO : Da FUNAI. Gilberto, não lembra o sobrenome dele?

JOÃO MARIA TAPIXI: Não lembro mais ele é um dos, se eu não me engano ta em Bauru.

SCHIRLE MARGARET DOS REIS BRANCO : Bauru. São Paulo?

JOÃO MARIA TAPIXI: Isso. Bom, quando foi no outro dia, me lembro até hoje, oitenta e quatro dia vinte e cinco de março, mais ou menos às onze horas do dia, chegou uma camioneta, e uma viatura da policia, chegaram assim na estrada, eu falei: vamos lá ver o que que ta acontecendo, correr não vai adiantar, falei pro meu irmão, correr não vai adiantar, que eles vão pegar “nois” mesmo, vamos lá. Cegamos lá, foram diretamente pra gente, chamaram “nois” [...] ai prenderam eu, meu irmão, minha mãe com sessenta e dois anos de idade, duas irmãs, e a mulher que deu a litrada e o marido dela. Levaram pra cadeia, ficamos quatro dias preso [...] na delegacia, nos quatro dias chegou dois caminhão carregado com todas as mudanças, ai me jogaram la no Pinhalzinho, la no Pinhalzinho, mas eu levei uma prejuízo, eu tinha três alqueires de algodão, dois alqueires de feijão na hora de “rancar”, perdi tudo, fiquei cinquenta e oito dias no Pinhalzinho, cinquenta e oito dias, eu cheguei no Pinhalzinho morava um posseiro, chamava Neno Serrano, esse Neno chegou, ele era muito trabalhador, ele chegou deu uma olhada assim por que, eles levaram um caminhão só de ferramenta de trabalhador, o homem olhou assim, falou assim: o que vocês tão fazendo aqui? Ai eu contei a história pra ele né, ele falou assim: você quer que eu arrume um advogado pra você? Eu disse: eu quero [...] depois de cinquenta e dois dias voltei entrei na minha casa, o chefe que “nois” tinha brigado já mandado ele embora, já tinha outro chefe, esse chefe novo foi lá e falou: Tapixi você não pode, ai quando eles fizeram uma reunião com os índios, falaram assim, se vocês aceitar a família do Tapixi aqui de volta vai acabar a aldeia [...] vai ficar só a de São Jerônimo e vocês vão ter que ir tudo embora pra Apucarantina, Tapixi não pode mais voltar aqui. Ai quando eu voltei

os índios tava tudo contra mim, por que se eu voltasse eles iam perder a aldeia, mas assim mesmo eu ainda fiquei, por que daí junta mais família que fica do lado da gente, vai formando um grupo ali né, ai o chefe chegou e falou: Tapixi, você tem vinte e quatro horas pra deixar a aldeia se não a policia vai vir de novo , ai eu falei pra ele: olha, pode vir, mas eu não vou sair daqui, eu nasci aqui, vivi aqui, nunca briguei com nenhum índio, o chefe que tava aqui tava fazendo os índio passar fome, daí todo mundo gritou: tava mesmo, tava mesmo! Ais deram uma força pra mim. Ele foi embora, quando foi no outro dia ele voltou de novo, falou Tapixi, sou Álvaro Villas Boas, falaram pra mim que ele era o delegado da cidade [...] quando eu falar com você...

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: Quem? Álvaro?

JOÃO MARIA TAPIXI: Villas Boas...

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: Álvaro Villas Boas.

JOÃO MARIA TAPIXI: Ele mandou falar com você que durante o tempo que você ficar aqui você vai pagar dez reais por dia, isso foi em oitenta e quatro, pagar dez reais por dia de multa por pessoa, o nome do chefe chamava Jose dos Passos, eu falei pra ele: mas então ta ficando bom, por que se dinheiro tiver valendo ta ficando bom então, ai ele virou a camioneta pra trás, daí eu deu um assobiu ai ele parou, chamei ele, ele voltou falei: Jé vou te falar uma coisa, você volta lá, que tem que passar rádio lá pro outro, e você passa um rádio pro delegado, se desmanchar minha casa aqui, e construir pra mim La no Pinhal, que é no Patrimônio, eu sai daqui e vou lá pro Patrimônio, e daí tira do meu, do meu irmão, das minhas irmãs, da minha mãe e leva tudo lá pra fora [...], ele falou: mas vai construir onde lá, e por incrível que pareça, nos tinha data lá, digo: nos temos terreno, ai ele foi , dali um pouco ele trás de volta, ele falou assim: vão derrubar a casa, e dentro de oito dias tiraram tudo o material das casa e levaram pro Pinhalzinho, e alugaram uma casa ainda pra gente já mudar [...], chegamos no Patrimônio, daí tem a área que se chama Cedro, e eu de olho naquela área já fazia tempo que a terra tava pequena, “nois” tava começando brigar um índio com

o outro por causa de terra, eu já de olho naquela terra, ai é que entrou o chefe Cornélio, eu falei pra ele: seu Cornélio, eu achava ele muito assim amável pra conversar né, eu falei: quando entrar esse chefe, digo: seu Cornélio [...], eu to de olho no Cedro, o que que o senhor acha? To querendo entrar no Cedro, ele falou: olha, agora você ta lá fora, foi muito difícil, mas eu vou te dar um caminho, ele falou: vamos no cartório amanhã [...] tirou lá, sei lá o que, [...] eu “ponhei” aquilo na cabeça, [...] com o lampião né, ia nas missas [...], e o vereador de Pinhal era fazendeiro lá no Cedro, sabe, seu Manuel Rocha, ele é vivo até hoje, ele era fazendeiro lá no Cedro, e ele mandou me chamar, falou: Tapixi, você não quer pegar uma roça pra fazer pra mim lá embaixo na beira d’água do Pinhal? Combinei com ele cinco alqueires de roça, pra mim fazer pra ele [...], amanhã vou fazer o rancho lá embaixo, que eu vou cozinhar lá embaixo, e daí tinha o rio né, pra cá era água do pinhal e pra cá era água do Cedro, ele falou assim: mas você não faça do lado do Cedro, o paiol, faça do outro lado pra cá, ai eu sai da casa dele, né , até me adiantou uns “troquinho” lá, sai da casa dele pra rua pensando, esse cara ta com medo, seu fizer de um lado ele vai multa por que é terra indígena lá. Cheguei em casa, conversei com minha mulher, fui justar os próprios índio pra trabalhar comigo, cheguei lá eu justei cinco índio pra trabalhar comigo, fomos lá trabalhando, de noite ficamos lá conversando, pescava uns peixinhos, falei pra ele, digo: se eu resolver tomar o Cedro você me ajuda? Ai teve um deles que tava lá, sempre, falou assim: mas tem jeito? Disse: se vocês me ajudar tem jeito, ai falou: então “nois” te ajuda, e eu falei: então ta bom. Ai fui embora pra casa, no fim de semana arrumei um [...] falei pro meu filho, falei: filho, você me desenha, faz aqui uma placa aqui, e me desenha nessa placa aqui, queremos a “desintegração” do Cedro até dia vinte e cinco de maio de mil novecentos e oitenta e cinco, sem briga, e desenha o índio com uma flecha colada no Cedro, mas não mostre pra ninguém, nem pro seu irmão não mostre, quando chegava a noite, ele se fechava dentro do quarto e quando foi uns três dias ele falou: pai, a placa ta pronta, entrei lá dentro ele me mostrou, até me deu arrepio, falei: ta bom. No outro dia cedo, fui lá no meio dos índios, falei com o cacique, falei: você tem coragem de pregar a placa lá no Cedro? Falou: eu tenho. Disse: vou trazer hoje de noite, levei, a placa ficou quinze dias e não foi pregada,

quando foi no outro dia peguei meu guri e outros quatro índio, vamos pegar a placa lá? Vamos. Levei umas cavadeira, deixei uns paus no jeito, falei: finca rápido, fincamos a placa, no outro dia tinham rançado a placa, mas deu um alvoroço, deu um alvoroço que Deus me livre guarde, ai chamaram “nois” lá [...] índio queria saber o que era aquilo , disse: “nois” queremos o Cedro mesmo, o Cedro é nosso, e “nois” queremos ele sem briga, não queremos brigar não, queremos o que é nosso, ainda falei pra eles assim: o secretário do governo de estado, falei pra ele assim...

JOÃO MARIA TAPIXI: Olha, e uma coisa, se vocês provar que não é nosso “nois” não quer nada, “nois” só o que é nosso, o que é de vocês “nois” não queremos.

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: O senhor lembra quem o nome desse secretário?

JOÃO MARIA TAPIXI: Não lembro. Eu sei que o governador pode ser o José Richa, se eu não me engano.

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: Isso é em oitenta e quatro?

JOÃO MARIA TAPIXI: Oitenta e quatro, oitenta e quatro. Ai vieram fazer uma reunião na FUNAI, com todo o povo, eles pediram três anos pra desintegrar o Cedro, eu falei pra ele: de jeito nenhum, digo, dou seis meses, ta bom, fechamos nos seis meses, quando foi os seis meses eles chamaram pra outra reunião, ai ele pediram três anos de novo, digo: não tem como fazer com três anos, não tem outro jeito, vou dar pra vocês três meses, vocês quisera noventa dias eu dou mais, dentro de três meses “nois” faz outra reunião só por que era reunião lá na terra indígena, por que eu to cansado de vir aqui fazer reunião chega lá arruína a comunidade, eu era cacique, faço a reunião lá e toda vida fica que vai mudar alguma coisa e nada da certo [...], então ta, quando der noventa dias “nois” faz uma reunião lá pra conversar com todo mundo, [...] Mário era o cacique de Laranjinha, Aparecido de Apucarantina [...], eu era confidente

naquela época, chegaram ai os noventa, ai fiz a reunião com os cacique [...] arrumei a liderança e disse: nos vamos fazer assim, assim, assim, já arrumei, comprei três boi, deixei no jeito pra deixar não deixar o povo passar fome e digo: vocês não abre a boca pra ninguém, fica só entre “nois” aqui, nos vamos abrir a boca a hora que o povo chegar. Chegou o dito dia, antes de chegar, chegou um cacique de Laranjinha [...] lotada...

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: lotada de índio?

JOÃO MARIA TAPIXI: Índio. Ai de repente chegou Aparecido com o [...] e daí já falei pra ele os índios começaram se reunir, ai chegou o outro grupo ai chegou o secretário do governo, presidente do INCRA chegou um “povaréu” assim, encheu de carro, ai tava o delegado da FUNAI, era o Cornélio Vieira de Oliveira que tinha assumido em Londrina, ai tinha o nosso advogado, Dr. Antônio Pedro Marquésio, tinha um tal de Araújo que era da FUNAI também, ai chegou todo mundo, quando chegou todo mundo, daí o cara do INCRA falou assim: Tapixi podemos começar? Digo: mas primeiro eu quero dar um dedinho de conversa com o menino aqui, a é, pra depois, “nois” tava na frente da escola né, depois nos vamos entrar pra dentro da sala de aula ai pra discutir o assunto, mas ai já troquei os índio, pega esse, pega aquele, pega aquele, como um enxame de abelha né, já levaram eles carregado, botaram dentro do banheiro, mas já combinei com os índio, vocês não bate nos cara não, vocês cuida dos cara que é nossa defesa, por que se vocês bater nos caras a policia pode entrar aqui e por vocês pra fora. Prenderam o delegado da FUNAI, prenderam o advogado da FUNAI junto, prendemos tudo, prendemos oito, e os outros que ficaram de fora assim saíram queimando de medo. Demorou mais ou menos umas duas horas chegou eu falei pra soltar o advogado da FUNAI, vai lá e traga ele pra mim, [...] três índio num braço, três índio no outro um atrás, o advogado tremia, tremia que nem vara verde, falei: doutor, o senhor vai embora agora doutor, o senhor vai embora agora, pra mim ver se o senhor é um advogado bom mesmo, solta os preso que ta aqui pra mim ver, Jé dos Passos, pegue a camioneta e leva ele lá em cima no São

Jerônimo e manda esse homem embora, pra arrumar recurso de modo a soltar os companheiro que ficou aqui, levou o homem, eu sei que nos ficamos seis dias lá, morreram quatro lá [...], mas só liberamos lá quando tava liberando as mudanças dos posseiros do Cedro, fizemos eles virem buscar, depois vieram embora, o pessoal todo vieram embora, ai ficou só “nóis” índio, daí “nóis” é que sofremos as consequências, e daí vinha as ameaças dos fazendeiros [...], e daí chega, e eu costume falar assim, que você me perdoe, que vocês chegam pra ajuda “nóis” daí vocês larga “nóis” e agente fica na boca do fogo, daí só aparece la quando morre algum índio, mas correu tudo bem graças a Deus , hoje ta, mas a FUNAI assim mesmo, sempre ele me perseguia, quando foi em oitenta, noventa e seis os netos dos posseiros do Cedro invadiram o Cedro como sem terra, por que o governo reduziu de quatorze mil alqueires pra dois, mil e quatrocentos em Pedrinha, e seiscentos em São Jerônimo, e deixou três títulos definitivos e três posseiros dentro la no Cedro, e nessa época que nos tiramos os posseiros, e esses posseiros que tinham título já tinham morrido, mas só que os títulos já estavam guardados...

JEFERSON: Seu Tapixi, desculpa interromper o senhor, só queria fazer duas perguntas, eu vi em depoimento que o senhor deu, que aparece, não sei se é o senhor falando, tem vários nomes que ele cita, mas ele fala de duas regiões com coronel Mário da Veiga e com o coronel Guardalupe, o senhor lembra?

JOÃO MARIA TAPIXI: Lembro.

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: O senhor poderia contar pra gente, desse tempo que aconteceu, se teve algum caso de ameaça, alguma coisa assim?

JOÃO MARIA TAPIXI: O coronel Nobre da Veiga, ele era presidente da FUNAI, ele foi fazer uma reunião com “nois”, primeiro ele fez uma reunião com os posseiros do Cedro...

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: Em que ano que foi?

JOÃO MARIA TAPIXI: Eu não me lembro em que ano que foi. Primeiro ele fez uma reunião com a turma do Cedro, depois quando foi a parte da tarde, ele fez até meio corrido, ele foi fazer uma reunião com “nóis” e falou: se vocês não abrir mão do Cedro vai acabar a FUNAI aqui no Vale do Ivaí, ai tinha um “índio” muito grandão que falava arrastado, né , ele falou: você vai embora agora daqui se não “nois” mata você, ai carregaram ele e foram embora, e daí tem outro qual é que é? Coronel Guardalupe, coronel Gaurdalupe foi o seguinte, o Villas Boas assumiu a presidência da FUNAI e “nois” não queria, tinha um grupo de índio grande que não queria ele como presidente da FUNAI, e quando ele assumiu a presidência da FUNAI, ele tirou a FUANI de Londrina e ia mandar tudo para Bauru, e tirar a FUNAI de Londrina, daí o que que “nois” fizemos, nós viemos e tentamos, tentamos não, seguramos, até hoje a FUNAI ta lá, invadimos a FUNAI e falamos, “nois” não abre mão da FUNAI, parece que se não me engano, nos ficamos setenta e sete dias, ai veio o coronel Guardalupe, pra fazer uma reunião com “nois” ali na FUNAI de Londrina, ai nos fizemos uma reunião ali, e o homem era duro, duro, duro, duro, e “nois” fomos encurralado o homem, encurralando o homem, o homem suava, o homem corria lágrima, e nos fomos “apurando” o homem, eles estavam em dois, ele e [...] eu segurava a mão dos índio, tava uns índio de São Jerônimo, de Laranjinha e de Pinhalzinho, Apucarantina e Barão, [...] daí tava esses índios tudo unido, e só eu conversava com ele na língua, eu disse não vamos machuca o homem, vamos apertar o homem mas não vamos machucar o homem de jeito nenhum, ai quando foi a hora ele falou: Tapixi, você deixa eu ir almoçar, depois do almoço eu volto pra “nois” deixar tudo certo [...] o Cornélio vai assumir a FUNAI de novo [...] só que ele foi almoçar e “nóis” falamos: mas deixa a pasta ai, uma “pastona” assim, ai ele deixou a pasta e saiu, e não vi ele até hoje...

SCHIRLE MARGARET DOS REIS BRANCO : Coronel Guardalupe?

JOÃO MARIA TAPIXI: Nunca mais vi, ate hoje não vi mais ele, ai a policia foi buscar a pasta dele, a polícia chegou la e falou: tem uma pasta do coronel aqui? Disse: tem [...] o índio disse: ta pesada? Falou: ta pesada! [...] Mais alguma pergunta?

JEFERSON: eu tenho mais uma, posso?

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: Claro!

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: Assim, tem ali na entrevista que deram, tem umas denuncias de arrendatário de terra, lá no São Jerônimo, ai tem denuncia de que tinha funcionário da FUNAI que arrendava pro sobrinho, ou então que fez documento pra arrendar terra pra sobrinho ou esse sobrinho disse que era o dono da terra, teve isso?

JOÃO MARIA TAPIXI: Não tenho conhecimento disso não, sobrinho...

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: Diz que é o jeito que a FUNAI tinha do servidor arrendar terra, depois aparecer como se fosse proprietário, alguém arrendava a terra e depois dizia que era o dono, que alem dos posseiros tinha gente que entrava sem documento da terra.

JOÃO MARIA TAPIXI: Desse jeito teve alguns lá, mas não que fosse sobrinho de funcionário, tinha, por exemplo, e era arrendatário, era do Jorge Badarsa, e daí ele levavam as famílias pra lá, essa família casava com família de outro posseiro e já ficava tudo certo ali dentro, até alguns casavam com as índias e ficavam ali dentro já, mas que era sobrinho de funcionário da FUNAI eu não tenho conhecimento não, não lembro não.

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: E chegou a ter algum atrito com os posseiros, briga assim? Tem um caso que contaram de um tal de Santaela que teve uma briga com indígenas.

JOÃO MARIA TAPIXI: Santaela, esse Santaela era, ele era médico em Londrina, ai ele comprou a fazenda do Jorge Sales de Badarsa depois que o Jorge morreu, comprou do Jorge Sales de Badarsa [...] e botou um pistoleiro lá dentro pra cuidar, esse Santaela, esse pistoleiro, eu escapei dele [...] ai ele pegou pra um arrendatário, o arrendatário quando o Santaele voltou, o arrendatário sabia que não era dele e não quis pagar, não arrendo mais pro Santaele, ai esse pistoleiro o Santaele levou um policial do município e bateram no cara, e o cara saiu de dentro da posse dele e foi morar no Pinhal, só que ele tinha que pagar renda pra esse cara o Santaele, tinha que pagar, quando ele foi colher o algodão, ele mandou chamar o cara pra receber a renda da casa dele lá do Pinhal, só que o cara foi receber a renda, chegou lá eles mataram o cara, o arrendatário matou o cara...

JEFERSON DE OLIVEIRA SALLES: Matou o jagunço?

JOÃO MARIA TAPIXI: Matou o jagunço. E teve essa confusão, mas não foi índio com índio não.

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: O senhor falou que o jagunço não ameaçava o senhor?

JOÃO MARIA TAPIXI: O jagunço não me ameaçava, sabe, ele me chamava e falava: Tapixi, você tem que trabalhar comigo, e eu falei: mas eu tenho um serviço, não posso trabalhar com você, eu tenho meu serviço, ai ele falou: mas você é o cara ideal pra trabalhar comigo aqui, digo: mas eu não quero trabalhar com você. Ai ele pegou um outro arrendatário que morava lá dentro, pegou pra trabalhar com ele no meu lugar, ai quando foi um dia, esse camarada foi na minha casa e disse: Tapixi, o Zezão ta te chamando pra conversar com você em Santa Barbara, eu falei pra ele: eu não vou

conversar com ele em Santa Barbara, ele venha conversar comigo aqui em minha casa [...] ele disse que ia me matar, é outra coisa [...] levou sorte, levou sorte...

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: O senhor de posseiro ou empregado de fazendeiro indígena?

JOÃO MARIA TAPIXI: Quanto à indígena?

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: É.

JOÃO MARIA TAPIXI: Olha, eu conheço um caso desse ai, que até nesse caso mataram um cacique nosso, chamava-se Antônio Marconde...

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: E de qual terra indígena era?

JOÃO MARIA TAPIXI: Barão de Antonina, deram um tiro no peito do homem que saíram nas costas, deram sete, cinco tiros, pegou fogo na roupa dele...

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: Esse era indígena?

JOÃO MARIA TAPIXI: Era indígena, o que morreu era... Antônio Marconde...

SCHIRLE MARGARET DOS REIS BRANCO: ele era de São Jerônimo?

JOÃO MARIA TAPIXI: Barão de Antonina

NORTON NOHAMA⁷: E quem atirou?

7

Integrante da Comissão Estadual da Verdade Teresa Urban

JOÃO MARIA TAPIXI: Quem atirou foi o tal de Pedro que morava dentro da reserva indígena, mas morava como posseiro, ai eles tiveram umas discussões la e assassi-naram e mataram dois gêmeos, ai o cacique, ali eles foram la no [...] e mataram os índios...

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: E como aconteceram essas coisas, qual era a reação da FUNAI, o que a FUNAI fazia?

JOÃO MARIA TAPIXI: Simplesmente aparecia a policia federal lá [...]...

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: Levava quem embora?

JOÃO MARIA TAPIXI: Levava um monte de cara, e os que mataram desapareciam, esses caras que matava até hoje, nunca mais vi [...] eles foram embora do lugar...

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: Mas pra precaver, assim quando tinha denun-cia dos caciques, eles denunciavam, tinha possibilidade, se tinha ameaça?

JOÃO MARIA TAPIXI: A tinha muito, eles chegavam e falavam: Tapixi, se cuida Ta-pixi, nos estamos avisando você. Tinha uns que bebia, dizia: você se cuida se não eles vão te matar [...] filho desse Badarsa ai matou uma guarani por causa de terra...

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: São várias mortes então?

JOÃO MARIA TAPIXI: várias mortes

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: E a FUNAI investigava ou então fazia policia-mento pra desarmar os posseiros...

JOÃO MARIA TAPIXI: Não! Pra desarmar nunca fizeram. A policia federal tomava conta, né, ai fizeram os ofícios, chamavam iam da de comer em Londrina, davam de comer em São Jerônimo, acabando que nunca vi ninguém preso, dos criminosos...

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: Eu tenho um nome aqui, queria saber se você conhece da terra do Ivaí, chama-se Antônio Pedro, diz que era líder também que foi morto...

JOÃO MARIA TAPIXI: Não, conheço um Antônio Pedro que foi o meu sogro mas ele...

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: Ele foi espancado, foi agredido.

JOÃO MARIA TAPIXI: Então não é do Ivaí não, então é do Barão de Antonina, por que meu sogro foi espancado pela família desse Badarsa, por cauda desse espancamento é que veio o grupo do Ivaí pra “desintrusar” eles da Água Branca, deixou o Cedro...

SCHIRLE MARGARET DOS REIS BRANCO: Eu tava aqui perguntando pro professor o que é deso... Desintrusar?

JOÃO MARIA TAPIXI: Desintrusar?

SCHIRLE MARGARET DOS REIS BRANCO : Isso!

JOÃO MARIA TAPIXI: Eu vou explicar pra você...

SCHIRLE MARGARET DOS REIS BRANCO : Isso, é a linguagem dos índios...

JOÃO MARIA TAPIXI: Desintrusar é você morar dentro da reserva indígena e alguém tirar você e jogar fora...

SCHIRLE MARGARET DOS REIS BRANCO : Então isso ai Tapixi, o que você poderia dizer pra nós, assim, não precisa dizer números certos, mas quanta terra os indígenas perderam? Em alqueires se você puder dizer, em região, poderia dizer alguma coisa pra gente por que isso ai, o governo, aquele que você falou, o secretário, ministro da agricultura, alguém dos secretários de governo, pra tirar os indígenas, expulsar, eles baixavam qualquer decreto, o governador baixava decreto, enfim, mas as terras indígenas, você foi pra cá pra lá foi com família e tudo, o que você poderia dizer assim pra nos: olha, vão atrás que nós queremos nossas terras de volta? Nos queremos nossa terra de lá, da li e de lá. Dê nomes Tapixi.

JOÃO MARIA TAPIXI: Entendi...

SCHIRLE MARGARET DOS REIS BRANCO : É uma forma de vocês dizerem assim: isso nos já pedimos tantas vezes, vocês vem aqui pra pedir de novo, estão rindo de mim! Rindo desse povo branco que só engana, não, eu digo assim, o que você poderia deixar aqui como uma mensagem que você falasse: quanto dessa terra, queremos que vocês vão atrás dos nossos mortos, quem são esses? Quem são os desaparecidos? Diga um pouquinho isso pra nós se você puder.

JOÃO MARIA TAPIXI: Olha, eu não quero morrer antes de ver índio morando dentro da “Gramades”.

SCHIRLE MARGARET DOS REIS BRANCO : Gramades.

JOÃO MARIA TAPIXI: Com meus pedidos vou custar muito. Eu não queria morre sem ver demarcar a área de são Jerônimo da Serra, por que tem um pedaço [...] eu não queria morrer sem tirar essa demarcação de lá. Outra coisa, nos estamos em um lugar tão pequeno em bastante gente, e a gente, não sei se vou falar certo, a gente ganhou do consórcio, quarenta alqueires de terra faz dois anos, e eles não compram

por que diz que a FUNAI não deixa eles comprar, dizem que não podem comprar em território indígenas, agora eu não sei, pra mim o Brasil é território indígena, ai não vai poder comprar em lugar nenhum.

LÚCIO TADEU MOTA: Só explicando uma coisinha, consórcio é uma de [...] Mauá da Serra, possui um papel chama consórcio Cruzeiro do Sul, eles fizeram várias reparações pra eles, nessa questão de comprar mais terras [...]...

JOÃO MARIA TAPIXI: Tem ali, não sei se o senhor conhece você vindo de São Jerônimo, vindo de São Jerônimo passa por Araraquara ate São João do Pinhal, é reserva indígena ligada com São Jerônimo e Barão de Antonina tem um pedaço ali...

SCHIRLE MARGARET DOS REIS BRANCO : Tem algum nome de morto, assim, indígena que você gostaria que fosse trás pra ver, aqueles que desapareceram e ninguém foi atrás até hoje?

JOÃO MARIA TAPIXI: Desse jeito que a senhora faz a pergunta pra mim às vezes eu não sei responder...

SCHIRLE MARGARET DOS REIS BRANCO : Sim...

JOÃO MARIA TAPIXI: Por que como eu acabei de falar, mataram o cacique não foram atrás do cara que matou, agora que sumiram com ele, eu não lembro o nome, acho que não vou entrar nesse detalhe, por que esse detalhe quem contava era o meu sogro, jogaram no rio...

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: O cara que matou? Foram atrás do cara que matou e jogaram no rio?

JOÃO MARIA TAPIXI: Jogaram no rio, essa foi uma história que meu sogro me contou. Meu sogro era um índio bem experiente, bem experiente mesmo, pra ele não morrer [...] um engenheiro Domingos Meireles, o chefe do posto que arrumou pra mim quando ele voltou [...] arrumou pro engenheiro levar tudo embora. Meu sogro quando morou em São Paulo num prédio chamado Martinelli, morou quatro anos no edifício Martinelli, de lá esse domingos Meireles tinha uma fazenda, ele tinha uma fazenda em Goiás, ele mandou meu Sogro pra Goiás, de lá de Goiás meu sogro fugiu e veio embora.

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: Eu queria só retomar o que o senhor contou pra mim entender melhor, né. O senhor falou assim que o a família Badarsa, o pai, filho e depois empregado, que daí esse Badarsa vendeu pra Santanela?

JOÃO MARIA TAPIXI: Isso!

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: Ai o senhor contou o seguinte, que o filho do Badarse assassinou um índio, e depois, tinha um empregado da Badarsa que agrediu o seu sogro, e depois esse Badarse te vendeu pra Santanela, e o Santanela também tinha denuncia de jagunço, de ameaça, então, nesse sentido, o que eu queria entender é o seguinte, que é um período longo de tempo o que a FUNAI fazia, quer dizer, era a mesma família, ou um mesmo fazendeiro, por que ele não era posseiro, tinha uma grande parcela de terra, tinha mais de cem alqueires não é?

JOÃO MARIA TAPIXI: Ele tinha mais de trezentos alqueires...

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: Então o que eu quero dizer é que a FUNAI podia arrendar pra quem tinha um pequeno lote, trinta hectares, no máximo era a lei, então arrendava pra trezentos, e essas pessoas causaram tudo isso durante uns dez anos, vinte anos durou isso, a FUNAI tinha uma ação que fazia e não fez, é isso que eu queria que o senhor explicasse melhor, como que podia isso acontecer? Que um

mesmo proprietário podia causar tanto problema, como que a FUNAI não chegava lá e não tirava ele, processava ele ou coisa parecida, por que que acontecia isso? Acho que se o senhor puder contar melhor essa história pra gente entender.

JOÃO MARIA TAPIXI: O Badarsa ele não entrou assim através chefe de posto, ele já comprou de outro posseiro, o Badarsa, comprou de um posseiro que se chamava Amadeu Guerves, era um dos, esse Amadeu Guerves era filho de um posseiro que quando reduziu a terra indígena não tiraram eles, chamava-se Carlos Hermes. Ai, quem bateu no meu sogro foi o filho do Badarsa, você falou ai que foi o empregado do Badarsa, foi o Filho do Badarsa. Daí, a FUNAI não entrava no meio, eles buscavam esse cara lá, esse Badarsa [...] pra dar de comer, levava pra Curitiba, a FUNAI [...] passava oito dez dias [...] eu trabalhava com ele, na serraria dele, ele chegava e falava: Tapixi, ta tudo certo, acertei tudo, e falava a mesma coisa: você fica firme com “nóis” aqui que o dia que eu receber o documento desse aqui eu vou dar dez alqueire pra você, ele falava assim pra mim. Então a FUNAI sempre se envolvia no meio, sendo que o posseiro tava ganhando...

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: A FUNAI ficava, o senhor disse assim, a FUNAI favorecia o posseiro?

JOÃO MARIA TAPIXI: Isso! Por que o filho do posseiro matou o índio, nunca saiu La de dentro da reserva e nunca foi preso. O advogado [...] me chamou pra dar um testemunho a favor do “rel”; você sabe que foi o primeiro dia que eu aprendi a conter mentira, por que o advogado inventou tanta mentira pra mim contar no fórum, não tinha motivo e se eu contasse tudo as mentiras, os senhores que estão ai na frente, se eu contar mentira o senhor desconfia de mim, principalmente em um tribunal [...] ai simplesmente eles perguntaram como é que era e eu expliquei certinho e ainda quando o advogado me orientou o que era pra eu falar eu falei: e se eu não falar isso? E ele falou: você pode sumir daqui, pois eu não falei, mas não tem como, e depois eu

voltei mais umas quatro cinco vezes, e se eu tivesse mentido, eu ia esquecer alguma mentira e eles iam acabar me castigando, quando aconteceu isso comigo...

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: Seu Tapixi, eu queria que o senhor dissesse assim se o senhor lembrar, o nome das pessoas que morreram e quem matou? O senhor citou alguns, o senhor pode repetir?

JOÃO MARIA TAPIXI: Posso! Atalibio, meu primo, Zacarias, ai depois morreu...

MÁRCIO: Sabe quem matou?

JOÃO MARIA TAPIXI: Sei!

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: Pode dizer?

JOÃO MARIA TAPIXI: Posso agora o cara já até morreu, chamava-se Antônio Luciano...

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: É só o que o senhor sabe?

JOÃO MARIA TAPIXI: É só o que eu sei.

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: Ele era posseiro?

JOÃO MARIA TAPIXI: Filho de posseiro. Faz tanto tempo chega machucar a cabeça da gente...

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: Pois é, essa é a nossa tarefa aqui, ajudar o senhor lembrar, tem mais alguém?

JOÃO MARIA TAPIXI: Antônio Marcondes.

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: Antônio Marcondes; era cacique?

JOÃO MARIA TAPIXI: Era cacique.

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: Quem matou?

JOÃO MARIA TAPIXI: Pedro Grande; conhecia-o por Pedro Grande camarada do posseiro.

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: Camarada do posseiro?

JOÃO MARIA TAPIXI: Camarada do posseiro.

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: O senhor sabe o nome do posseiro que era camarada?

JOÃO MARIA TAPIXI: Eu conheço ele, não sei é o nome original, mas eu conheço ele, já é morto também, conhecia ele por Jeca Cicília, ele era conhecido lá só por esse nome, devia ser José Cicília...

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: O senhor lembra o ano disso? Que morreu seu Atalábio, seu Antônio? Mais ou menos pode ser.

JOÃO MARIA TAPIXI: Deixa eu dar uma pensada aqui, eu acho que foi em cinquenta e cinco.

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: O Atalábio foi em cinquenta e cinco?

JOÃO MARIA TAPIXI: Não, o Atalábio foi em cinquenta e três...

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: E o Marcondes em cinquenta e cinco?

JOÃO MARIA TAPIXI: É mais ou menos isso aí.

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: E mais pra frente? Mais alguém?

JOÃO MARIA TAPIXI: Não, não me lembro. Assim, teve índio que matou os caras também, teve índio que matou o não índio também...

SCHIRLE MARGARET DOS REIS BRANCO : Pra se defender?

JOÃO MARIA TAPIXI: Foi um caso contado, e matava a pau...

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: Mas pra defesa?

JOÃO MARIA TAPIXI: Pra defesa, eles atacavam as mulheres dos índios e daí eles matava os caras.

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: Nesse período pós sessenta, da década de sessenta, o senhor estava em qual região, que se deu o golpe militar?

JOÃO MARIA TAPIXI: tava em Barão de Antonina.

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: Mudou a realidade da região ali com a deflagração do golpe militar?

JOÃO MARIA TAPIXI: Olha, por uma parte mudou, e daí por exemplo, muita coisa que pedia pros índio, eles conseguia chegar até índios, embora fosse pela metade, ainda conseguia chegar pros índios, antes dessa época não chegava, muita ferramenta que chegava era pra trabalhar pro próprio chefe do posto.

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: Então o senhor tá dizendo que mudou pra melhor?

JOÃO MARIA TAPIXI: Mudou, mais pouco.

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: Não, tudo bem, a diferença é que o que não atingia a comunidade de promessa, suprimentos que não chegavam pros índios passou a chegar?

JOÃO MARIA TAPIXI: Começou a chegar.

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: O senhor lembra de ter visto militares na região?

JOÃO MARIA TAPIXI: Militares?

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: É, soldados do exercito, delegados de polícia?

JOÃO MARIA TAPIXI: Sempre quem fazia prisão às vezes era... A eu acho que era militar por que, eles posavam em casa, chegavam a cavalo, eles posavam em casa. O meu pai não falava militar não, ele falava que era "captura", e eles posavam, e no outro dia eles pediam fiado pra viajar, meu pai matava galinha frango e dava pra eles; as vezes eles estava em três quatro, e ai meu pai falava assim: isso é "captura", estão atrás de criminoso. Eles posavam lá em casa com meu pai, por que o tio do meu pai, vizinho da reserva indígena, ele era uma autoridade, ele inspetor de quartirão, ai chegava lá [...] não sei se era mesmo, e eles iam posar na casa do meu pai através do tio do meu pai, que era o inspetor, ai eles posavam, e no outro dia eles cruzavam o Tibagí e ia pro lado de Tamarana.

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: O senhor tem notícia de pessoas que se refugiaram na região, pedindo abrigo em função de estar fugindo das cidades, ta fugindo do golpe militar?

JOÃO MARIA TAPIXI: Não lembro, sei que índio fugiu bastante, com medo dos chefes de posto.

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: Depois da ditadura?

JOÃO MARIA TAPIXI: Não era na ditadura...

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: Depois que foi deflagrada a ditadura, aquele processo de ditadura.

JOÃO MARIA TAPIXI: Depois não, depois ninguém sabe, saiu bastante índio...

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: Em que período que era que começaram a sair os índios, que ano?

JOÃO MARIA TAPIXI: Eu me lembro que [...] um de Barão de Antonina e dois de Apucarantina foi cinquenta e cinco...

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: Cinquenta e cinco?

JOÃO MARIA TAPIXI: O chefe lá era, se eu não me engano era o [...] Alan Cardek...

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: Alan Cardek? Mas isso em cinquenta e cinco também? Nessa época?

JOÃO MARIA TAPIXI: É difícil dar um ano, fica difícil, eu posso ter errado cinquenta e cinco do Alan Cardek, mas acho que era cinquenta e cinco mesmo, esse chefe com tudo a madeirada [...].

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: Só fazer mais uma pergunta, sobre essa revolta de Porecatu, o senhor ficou sabendo? Teve conhecimento da revolta de Porecatu, posseiros?

JOÃO MARIA TAPIXI: Não.

NORTON NOHAMA: Seu Tapixi, eu gostaria de lhe fazer três perguntas. Gostaria que o senhor me falasse um pouquinho sobre o tronco, como é que isso funcionava e quem é que mandava ir pro tronco, se o senhor lembrar a época que isso era usado, como é que eram tratadas as mulheres índias pelos brancos, basicamente são essas duas coisas mesmo, como era a questão do tronco e a questão das mulheres indígenas, como eram tratadas?

JOÃO MARIA TAPIXI: O tronco era o seguinte, não tinha um tronco oficial, que nem hoje tem as cadeias, lá não, a gente fazia um erro, ai amarrava em qualquer pé de pau ali, não tinha um tronco oficial assim. Agora as mulheres índias elas eram castigadas no tronco igual aos homens, elas apanhavam igual aos homens.

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: Por que elas apanhavam?

JOÃO MARIA TAPIXI: Pelo erro que fez.

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: O que eram esses erros?

JOÃO MARIA TAPIXI: Esses erros, por exemplo, era gostar do marido da outra, às vezes brigar na beira do rio lavando roupa, às vezes fofocar, contar mentira...

SCHIRLE MARGARET DOS REIS BRANCO : Seu Tapixi, o índio não vem veio com essa história de castigo desse jeito, quem é que criou tudo essas leis ai os brancos não querem influencia, mudar a cultura dos índios, o índio casava do jeito que ele queria já tinha sua forma, mas o branco não tem que respeitar a lei do branco, não misturava o povo...

JOÃO MARIA TAPIXI: Eu não falei desde o comecinho, o chefe chamava o capitão ele ia lá e dava as ordens, o capitão tinha que cumprir as ordens do chefe...

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: Chefe da FUNAI?

JOÃO MARIA TAPIXI: Chefe da FUNAI.

SCHIRLE MARGARET DOS REIS BRANCO : É bom a gente refletir isso e deixar isso colocado pra ver que era uma influência, não era da história do índio, não era da cultura do índio isso...

JOÃO MARIA TAPIXI: Eu acho que não por que quando o capitão chegava ele reunia a comunidade ele explicava isso: o chefe mandou fazer assim e se vocês errar eu vou punir por que eu sou o capitão...

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: A hierarquia era o chefe, o capitão e o líder?

JOÃO MARIA TAPIXI: Isso, o Capitão trazia do chefe, e a liderança trazia do capitão, e o chefe trazia, naquele tempo não era delegado, no tempo do SPI era inspetor, a inspetoria era em Curitiba, o primeiro inspetor que eu conheci foi Motta Cabral depois foi o Divaldo Souza, conheci um tal de Dr. Brasileiro que era o “bicho da goiaba”, era inspetor, daí tinha a inspetoria em Curitiba.

LÚCIO TADEU MOTA: A estrutura da SPI é assim: a SPI do Rio de Janeiro são várias inspetorias do Brasil inteiro, aqui no Paraná e um pedaço de Santa Catarina era a sétima inspetoria, e a inspetoria comandava todos os postos indígenas que havia na região, cada lugar tem chefe de posto...

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: Que era o chefe da FUANI?

LÚCIO TADEU MOTA: Que era o chefe da FUNAI, que era SPI, depois de sessenta e sete vira FUNAI, então era um branco chefe de posto e ele chamava o cacique pelo capitão e ele dava as ordens pro cacique, fala: olha: tem que fazer assim, falava às ordens que recebia da inspetoria do SPI, era uma hierarquia militar, tanto que os índios gostavam de ser chamados de capitão, não é Tapixi, é como se fosse uma patente...

JOÃO MARIA TAPIXI: É a importância que tinha na comunidade, o cacique pra mim o cacique era a autoridade máxima, não fazia nada sem falar com o cacique...

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: Esses erros que os índios cometiam; mulheres, todos eles que o senhor descreveu, os das mulheres o senhor falou, e o dos homens? Mas muitas vezes o chefe do posto não tinha como saber desses erros, geralmente o capitão mesmo que ficava sabendo e acabava falando a ordem em nome do chefe...

JOÃO MARIA TAPIXI: Da minha pouca idéia desse tempo, eu previa aquilo ali e achava que era poder de autoridade, e daí como o chefe descrevia pra ele e aproveitava daquilo e aproveitava de ser autoridade, eu via nele isso aí, por que, por exemplo, eu sou o capitão eu tenho que ver o melhor pra comunidade, certo?! Se bem que naquele tempo também não era assim, os índios não entendiam, o chefe de posto fala pra mim assim: se o índio entra você faça assim, a gente deve ver isso aí, se

deve fazer ou não deve fazer em vez dele virar contra o chefe ele virava contra a comunidade indígena, daí eu olhava isso e isso não entrava na minha cabeça...

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: Norton, o senhor falou que tinha três questões...

NORTON NOHAMA: Não, só pra não prolongar ainda mais, se o seu Tapixi pudesse contar mais um pouco como é que era o tratamento dos não brancos, dos chefes dos postos em relação às mulheres, em especial, com as meninas moças, as jovens e indígenas, que a relatos de abusos sexuais, a relatos de maus tratos muito severos em relação a essas meninas índias como se fossem donos delas, se o senhor puder falar um pouco sobre isso como é que é.

JOÃO MARIA TAPIXI: As meninas moça indígena eram muito bem cuidada pelos pais pelas mães, saiam em divertimento indígena elas não ficavam sozinhas, sempre as avós chegam faz o fogo e as meninas, netas fica sentada em volta dela e quando chegava um não índio, principalmente o chefe do posto já recolhia as meninas. Na nossa região tanto de fora judiar das indígenas eu não conheço. Agora das senhoras mãe eles sempre abusavam os não índio, agora das meninas não. Agora os índios sempre respeitaram elas, de índio pra índio, não importava a idade. Tem bastante “indinhas” casadas com não índios...

TRANSCRIÇÃO DA AUDIÊNCIA PÚBLICA DA COMISSÃO ESTADUAL DA VERDADE TERESA URBAN - PARTE II⁸

JOÃO MARIA TAPIXI: Está presente na comissão da verdade João Maria Rodrigues, conhecido como Tapixi, índio Kaingang nascido e criado em Barão de Antonina auto-

⁸Esta parte dos depoimentos ocorreu no Auditório da Câmara dos Vereadores de Maringá.

rizo essa imagem. Meu nome é João da Silva, índio Xetá, autorizou o uso dessa imagem pela comissão da verdade.

CLAUDEMIR DA SILVA – XETÁ: Meu nome é Claudemir da Silva, sou da etnia Xetá, eu autorizo essa imagem pela comissão da verdade.

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: Então vamos recomeçar, Claudemir se você quiser dar uma introdução, falar um pouquinho dessa trajetória de vocês até aqui ficaremos felizes.

CLAUDEMIR DA SILVA – XETÁ: Então, essa etnia e da região de Umuarama, e na época o meu pai sempre contava pra gente, que pra nos hoje é uma história, mas pra ele foi um realidade que ele viveu [...] ele diz que eles tinham uma vida muito boa, muito digna, hoje nós indígena somos a mesma coisa que cidadão não indígena por que hoje o índio tem que ser funcionário tem que ter carteira de identidade e igual os não índios, e na época, os índios eram considerados pessoas de menores não podia ter essas documentações, [...] fatalidade [...] que a etnia Xetá tinha. Parece que foram os europeus e os jesuítas, por coincidência, por felicidade os povos Xetá descobriram esse grupo ali na região do leste e comunicaram com os outros que ali tinha uma terra muito fértil pro plantio, e pra infelicidade dos povos Xetá, esse plantio que hoje todos nós gostamos não podemos ficar sem ela, é o chamado café, e esses plantios são dos povos Xetá. Na época eram mil e setecentos índios e conforme eles foram invadindo as terras e foram desmatando, os índios começaram a correr se esconder, mas, quando eles não podiam correr eles enfrentavam, mas, como que vai enfrentar uma arma de fogo com flecha, arco e lança?! Eles foram decantando ele no canto e foram desbravando. Meu pai contava que nessa corrida uma índia estava correndo em cima de uma peroba muito grossa, e o cara atirou pelas costas da índia, atravessou as costas da índia e pegou o indiozinho e caíram lá de cima. E daí ele conseguiu ficar com [...] ali de Curitiba, conseguiu pegar um tio nosso, já falecido, ele pegou e conseguiu levar pra Curitiba e começou a zelar dele e foi aprendendo um pouqui-

nho, não sabia falar como muito bem como nós falamos hoje, e daí ele foi fazendo a cabeça daquele índio pra ele se aproximar do resto do grupo; e daí eles vieram esse índio que “nois” fala. Ele chegou e foi conversar com os outros índios, disse que eles não eram ameaça e infelizmente a primeira vez fracassaram e foram embora, daí voltaram à segunda vez, fracassaram de novo e foram embora, e daí na terceira vez eles conseguiram se aproximar um pouquinho desse grupo, e daí o Dr. Vladimir [...] e eles comunicavam com ele na época, ai ele pegou e juntou os apetrechos dele, inclusive eu tive privilégio de ver essas aparelhagem dele [...] a etnia Xetá quando eles só viviam no mato. E vai dali vem daqui, começaram a sumir os índios, eles matando; daí foi isso que aconteceu, eles levavam dois índios pra cá dois índios pra lá e espalhou tudo. Hoje nos temos índios Xetá em Chapecó, Curitiba, São Paulo, aqui mesmo em Umuarama, e temos ali nas Marrecas [...]. Então esse tio chorava sozinho, que daí pra ele não se esquecer da língua ele olhava no espelho e falava com ele mesmo, pra fazer de conta que ele estivesse conversando com outro índio pra ele não se esquecer da língua. Já meu pai saiu com sete anos de lá, já nesse tempo do SPI, teve um chefe de posto chamado João Serrano, ele foi lá e levou meu pai, meu avô e um tio nosso e levou lá pro Pinhalzinho no município de Tomazina, que hoje é a cidade [...] e lá ele ficou cuidando dele, e meu pai teve o maior privilégio que eles foram em três pra lá, por que meu avô morreu e não conseguiu falar no português, só na língua só, eles foram, meu tio também falava bem enrolando, se não prestasse atenção não entendia o que ele falava; e também tem essa tia nossa que ficou ali mesmo na região de Umuarama e a coitada infelizmente ficou só e não teve a mesma sorte, hoje ela entende na nossa língua mais não sabe responder na linguagem, então hoje a gente fala com ela na língua e ela entende, mas responde no português, por que não teve ninguém e saiu pequenininha, [...] até quem criou essa nossa tia foi a esposa do seu Antônio Lustrosa dono da fazenda onde tirava os povos Xetá na época ele que [...] o povo Xetá.

SCHIRLE MARGARET DOS REIS BRANCO : Antônio Lustrosa?

CLAUDEMIR DA SILVA – XETÁ: Antônio Lustrosa. O nome da fazenda era Fazenda Santa Rosa, essa fazenda desse Antônio Lustrosa, a esposa dele se chama Carolina, se ela não faleceu, até no ano retrasado eu estive na casa dela, nos estávamos fazendo um trabalho para o nosso saudoso professor [...] e aí a gente foi pra lá olhando os materiais lá com ela, os índios Xetá chamava ela de mãe e seu Antônio Lustrosa de pai, praticamente eles que amparou quando eles saíram da mata, desbravaram todo o território Xetá foram obrigados a sair de lá, e hoje nos estamos brigando, só a luta do meu pai foi mais ou menos quinze anos debatendo pra tentar fazer demarcação desta terra e infelizmente ele foi pra Brasília por que eles estavam publicando estes materiais que vocês estão vendo, isto é fruto do trabalho do meu pai que infelizmente ele faleceu lá e Brasília, estava trabalhando com o professor Arion que era o único responsável [...] de ajudar a tirar ele de lá, daí foi trabalhar e infelizmente ele faleceu, segundo eles deu um derrame fulminante nele mas a gente não acredita, agente tem que correr atrás por que se ele foi ameaçado ali em Umuarama e foi no promotor [...]e ele chegou e contou essa fatalidade pra gente, por que eles fazem muito bem [...] da reserva indígena de São Pedro...

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: O ano em que ele saiu?

CLAUDEMIR DA SILVA – XETÁ: Eu sei que foi um final de ano, foi em dezembro, até inclusive meu irmão aqui, pegou e levou ele pro hospital, aqui mesmo no Paraná [...] a gente tinha um cuidado muito especial com ele, a gente tinha medo de voltar novamente, aí de semana em semana agente levava ele pra fazer um checkup geral, até inclusive nos temos hoje a ficha de consulta dele o médico falou que ele não tinha nada, e daí a agente parou e analisou certinho e voltou lá atrás pra lembrar dessa palavra que esse promotor falou pra minha mãe, então nós ligamos uma coisa com a outra e nós familiares suspeitamos que ele foi assassinado...

SCHIRLE MARGARET DOS REIS BRANCO : Lá em Brasília?

CLAUDEMIR DA SILVA – XETÁ: Lá em Brasília.

SCHIRLE MARGARET DOS REIS BRANCO : Em dois mil e seis em Brasília e uma..

CLAUDEMIR DA SILVA – XETÁ: José Luciano da Silva e o nome dele em indígena era [...]. Então, aí veio essa fatalidade e a gente ficou com um pé atrás e até hoje a família tem um pressentimento de que isso foi mandado, por que ele era um líder forte mesmo, ele metia esforço e falava o que sentia podia ser em qualquer lugar ele falava mesmo. E daí voltando lá, esse chefe veio em cinquenta e cinco e seis daí veio e pegou lá em Umuarama e foi direto pra essa aldeia o Pinhalzinho que nos estava falando e daí ele veio pro Laranjinha que é uma aldeia que tem ali perto de Santa Amélia e dessa aldeia ele veio pra São Jerônimo, ligado a esse chefe de posto, até inclusive seu João teve o privilégio de conhecer meus avôs meu tio, meu pai muito bem e esse chefe tinha um cuidado muito especial com eles que ele tinha eles como filho deles cuidava muito bem, inclusive meu avô não falava o português muito bem, daí tinha que falar pro meu pai pra explicar pra ele o que estava acontecendo. Aí a gente ficou muito tempo longe, daí parece que foi em noventa e quatro a gente teve o primeiro encontro dos povos Xetá, foi através dessa antropóloga Carmem Silva que fez todo esse trâmite e graças a Deus ela correu pra lá correu pra cá, “nois” sabia que tinha esses parentes, mas a essa altura já fazia uns vinte anos que não conhecia mais o paradeiro um do outro, sabia que existia mão não sabia onde tava. Essa antropóloga na época trabalhava na FUNAI, ela conheceu meu pai lá em Curitiba quando ele foi fazer um tratamento lá, ele começou a conversar e “vai dali vai daqui”, e ela se interessou pelas histórias dele, daí deu certo que ele saiu de funcionária da FUNAI e foi trabalhar em uma universidade, não me lembro agora o nome da universidade, e ela tinha acesso ao museu lá no porto de Paranaguá, daí ela começou a fazer esses trâmites e daí na época ela conseguiu um patrocínio pra fazer este encontro dos povos Xetá lá em São Jerônimo e eu já estava morando aqui, foi em mil novecentos e noventa e quatro que aconteceu o primeiro encontro dos povos Xetá e desde então começou a trabalhar de corpo e alma em cima foi fazer os estudos em cima dos po-

vos Xetá. Então hoje nos estamos bem avançados, mas mesmo assim a gente fica triste por que um certo tempo a FUNAI abandonou “nois” , abandonou não, pra eles não existia os povos Xetá [...] não adianta tampar o sol com a peneira, pra eles não existia os povos Xetá, essa antropóloga pegou e conseguiu uma viagem pra Brasília e foi meu pai, meu tio, esse um que ta aqui nas Marrecas, quando eles chegaram lá em Brasília os caras se assustaram, pra eles os povos Xetá era uma lenda, ninguém existia mais, quando viram eles não acreditaram, falaram: mas vocês não existe! E meu pai era bem chato, o que tinha que falar não media esforço, falava na lata pra pessoa falou: Não, se nos não existisse “nois” não tava aqui, vocês tão achando que é assombração que ta aqui? Somos nós mesmos! E disso daí ainda passou muito tempo, como se diz na moda de hoje, eles só foram pegar no tranco foi de dois mil e um pra cá, é isso professor? É isso que o pessoal da FUNAI veio a primeira reunião que fizeram com “nois” o pessoal de Brasília?

LUCÍO TADEU MOTA: Não foi agora em dois mil e onze, que o promotor processou eles...

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: Daquela época só em dois mil e onze?

CLAUDEMIR DA SILVA – XETÁ: Só em dois mil e onze. Ai esse promotor de Umua-rama da promotoria pública processou a FUNAI, eles estavam pagando uma diária, não sei se estão ainda, [...] deram três vezes no ano passado [...] e desde então ate hoje nos não conseguimos falar com eles, ai a gente fez uma ameaça lá, vocês que me perdoe que isso eu não posso vazar que faz parte do nosso planejamento, quero que vocês me perdoe sabe, e daí que eles ficaram sabendo e daí que eles mandaram aquela portaria [...] e que ela mandaram aquela portaria pelo Ferdinando ainda, nem eles não vieram trazer, e infelizmente agora que no estamos sendo reconhecidos; daí o pessoal da educação lá de Curitiba, a equipe do professor Lúcio aqui graças a Deus, né, se dedicou de corpo e alma trabalhando pra ajudar a gente, hoje nos estamos um pouquinho na mídia não muito, mas estamos meio “abandonadão” ainda, e o

que ta dando apoio pra nós é esse doutor lá de Umuarama, infelizmente foi transferido pra Foz também, perdemos contato com ele...

SCHIRLE MARGARET DOS REIS BRANCO : É da Procuradoria Geral da República, é promotor do Ministério Público Federal?

CLAUDEMIR DA SILVA – XETÁ: Sim isso, doutor Robert Martins. E daí a gente ta nessa luta ai, por que a gente sempre comenta pelo massacre que houve aos povos Xetá esse pedacinho de terra que nos estamos pedindo pro povo Xetá jamais vai preencher o massacre que houve com os povos Xetá, mas isso é um direito da gente, infelizmente isso não vai trazer de volta nossos ancestrais, mas pelo menos, o sonho da gente é que deixe os netos, sobrinho e até os irmãos da gente bem amparados, ai a gente vai sossegar um pouquinho, mas nem por isso vai parar a nossa luta, que o objetivo não é, vamos supor esse pedaço de terra aqui, “nois” entra e vamos cruzar os braços e não, agora nos temos terra então vamos cruzar os braços, não é por ai, nos vamos ter que lutar pela educação, pela saúde, todos os direitos humanos [...], então ao mesmo tempo em que agente diz que vai dar uma parada agente nunca vai acabar essa luta, a gente tem que lutar muito ainda pra um pouco de melhoria dos objetivos que nós queremos. Então, infelizmente ali na região de Umuarama tem duas pessoas que ta debatendo sobre a terra, vocês viram ai nessa reportagem o que eles falaram, é isso que falam do povo Xetá, dizem que somos paraguaios, dizem que viemos pro Brasil e estamos roubando os empregos dos índios do Brasil, coisa que não vai acontecer, por que essa usina pegou uma lasquinha só na terra que nos estamos lutando por ela, então eu acho que eles brigam tanto que não existiu índio, mas muito pelo contrário, existiu e hoje não existe mais por que foi expulso e foi morto por eles mesmo, meu avô fala mesmo isso, que a gente quer reivindicar um pedacinho de terra pra gente, [...] na democracia e tem tanto problema em cima disso, que a gente vai se coloca pequeno agricultor [...] esse não é nosso planos, nem nosso objetivo, a gente quer só um pedaço pra tocar a vida da gente, por que nos estamos na aldeia do Cedro em três etnias, os Kaingang, os Guarani e os Xetá, e eu costume

dizer pras autoridades que a população indígena todo ano cresce, todo ano, e a terra continua a mesma, então hoje nos não estamos tendo espaço pra trabalhar mais, por que cada um tem seu cantinho bem espremido e ali dentro desse cantinho ali tem que morar os genro, morar filho, morar tudo ali dentro por que não ta tendo espaço mais, então a gente quer ocupar o território da gente e se esperam, se Deus quiser, São Jerônimo melhora também, que saia aquele pedaço que estávamos falando ali e que a FUNAI pare de ficar embargando por que infelizmente não podemos contar com a FUNAI mais, FUNAI já era, nós estivemos em Chapecó foi no mês passado, nos conseguimos chegar lá através da equipe do professor Lúcio, nos chegamos lá nem comida pra nós o pessoal da FUNAI não deu, se vocês não tivesse dado uns “troco” pra gente levar a gente tinha passado fome e ficado na estrada, nem combustível pro carro eles não quiseram dar, e vocês sabem que daqui do Paraná no Chapecó a puxada é boa, conseguimos chegar lá através da equipe do professor Lúcio, se não, e fomos lá pra nada por que não conseguimos o administrador da FUNAI mostrou o mesmo papel que nos temos em mãos, eles estão mais perdidos que nos nessas alturas, em vês de ajudar eles estão só atrapalhando os povos indígenas, não só os Xetá como as demais etnias...

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: Eu queria fazer uma pergunta. É que nos vemos nos documentários que vem o seu pai, eu vi num documentário que têm eles uma senhora...

CLAUDEMIR: Tem a “Tiguá”...

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: E eles contam como foi o contato com a FUNAI e com o SPI, você conhece? Quando foi a primeira vez que eles se encontraram, o que aconteceu...

CLAUDEMIR DA SILVA – XETÁ: Olha o que a gente sabe é isso que meu pai passava pra “nois”, quando ele saiu de lá ele era pequenininho, estava com menos que

sete anos de idade, e daí se perderam e começaram [...] a partir de noventa e quatro pra cá, mil novecentos e noventa e quatro, que aconteceu os primeiros encontros do povo Xetá na terra indígena de São Jerônimo da Serra, através dessa antropóloga...

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: Por que a história que eu ouvi contada tinha alguns, não diz o número, era um depoimento, acho que é a Ana que fala, não lembro, eu anotei que mas não anotei o nome da pessoa, ela fala que reuniram eles, mas que invés de pegar esses oito, acho que eram oito, não lembro se eram oito, mas enfim, em vês de pegar todos eles e colocar em um lugar só, cada funcionário da FUNAI levou cada um pra um lugar diferente...

CLAUDEMIR DA SILVA – XETÁ: É isso mesmo...

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: É isso? Então, queria que você contasse melhor essa história, por que aconteceu isso, por que não colocaram todos juntos num lugar, por que separaram?

CLAUDEMIR DA SILVA – XETÁ: Na verdade, como eu sempre comento com o professor Lúcio, eu vou usar uma palavra aqui [...] que é o que meu pai usava e eu trabalho hoje com o mesmo sistema dele, o que eu tenho que falar eu não faço rodeio, na época meu pai contava pra nos e eu chegava chorar, diz que quando começaram a tirar os índios, é a mesma coisa de quando cria uma cadela chega lá os pessoal e diz: olha que cachorrinho bonitinho, eu vou levar esse aqui! [...] Foi a mesma coisa que aconteceu com nosso povo, por isso aconteceu de ir pra um lado ir pro outro, extraviou tudo, foi isso que aconteceu...

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: E quem fez isso?

CLAUDEMIR DA SILVA – XETÁ: Olha eu não sei, eu não sei por que na época que eu to falando pra vocês esse chefe de posto João Serrano, pegou meu avô, meu pai

e meu tio e levou lá pro [...] que ele falou, e daí o tio [...] que levaram pra Curitiba, um padre levou ele pra lá, e esse seu Divaldo que seu João tava falando levou essa Ana, levou pra Guarapuava, e daí esse tio [...] foi pra Rio das Cobras...

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: Deixa eu ver se entendi, você falou o nome de três líderes da FUNAI e um missionário?

CLAUDEMIR DA SILVA – XETÁ: Isso!

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: E cada um deles pegou uma ou duas crianças e levou pra cada lugar?

CLAUDEMIR: Isso, e essa dona Carolina foi como uma mãe pra nos, como eu tava falando pra vocês, hoje o povo vê como uma história mas foi um acontecido uma realidade, diz que chegou um homem que nem mesmo ela sabe quem é e diz que colocou os índios num caminhão e até hoje ninguém sabe [...] ninguém sabe pra onde foi esse caminhão...

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: Vocês já ouviram falar da Cobrinco?

CLAUDEMIR DA SILVA – XETÁ: Não, nunca ouvi.

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: Quando foi essa história do caminhão?

CLAUDEMIR DA SILVA – XETÁ: Foi nessas décadas mesmo de cinquenta e cinco, nessa época mesmo...

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES? Por que tem um documento do Loureiro Fernandes que estava junto com o COZAC, o Loureiro Fernandes fez um ofício que ele encaminha pro Governo Federal ao presidente, nessa época, em cinquenta e seis ele conta que foi um caminhão dessa Cobrinco, que ele fala que tem depoimentos que tinha caminhões da Cobrinco que colocava os índios, e não se tinha mais notícia dos índios...

CLAUDEMIR DA SILVA – XETÁ: Exatamente, foi assim que aconteceu com meu pai...

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: E essa Cobrinco era uma empresa colonizadora de propriedade do grupo Martinez em sociedade com a Amadora Guiar, que era um empresário paulista, proprietário do Bradesco, na época, na época já existia Bradesco...

NORTON NOHAMA: Eu gostaria de tirar uma dúvida, bem no começo o senhor comentou que eram mil e setecentos índios, isso era uma estimativa no Brasil todo?

CLAUDEMIR DA SILVA – XETÁ: Não, na região ali de Umuarama e Douradinas...

NORTON NOHAMA: Isso em mil novecentos e quarenta...

CLAUDEMIR DA SILVA – XETÁ: Só que era o território Xetá, indo até Umuarama e Douradinas...

NORTON NOHAMA: Isso na década de quarenta?

CLAUDEMIR DA SILVA – XETÁ: É quarenta, aí veio, eles falam descobrir, e descobriram a etnia Xetá, foi de cinquenta e cinco pra cá que começaram a manter contato, na época, não sei se era governador do Paraná, ou sei lá o que era o cargo, não sei o que [...] ele foi um dos que acabou com os povos Xetá, ele que trouxe o comunicado dos colonos, dos europeus, de várias entidades alegando que aquela terra era muito fértil, e seria um local pro plantio de café, aí que veio a decepção muito grande dos povos Xetá, aí que houve o massacre de morte, expulsão, daí que aconteceu essa tragédia de que colocava esses índios no caminhão e até hoje ninguém descobriu o que eles aprontaram...

NORTON NOHAMA: Quando terminou sobraram quantos?

CLAUDEMIR: Doze!

NORTON NOHAMA: De mil e setecentos foi para doze?

CLAUDEMIR DA SILVA – XETÁ: Doze índios. Os que saíram mesmo foi meu avô, esse tio...

SCHIRLE MARGARET DOS REIS BRANCO : A tia já tinha ido pra...

CLAUDEMIR DA SILVA – XETÁ: Não, esses saiu bem pequenininho, só meu tio que saiu mais, na década de sessenta. E hoje desses doze índios nos estamos em quase quatrocentas pessoas...

NORTON NOHAMA: Esses mortos, nenhum deles vocês sabem onde foram sepultados, não tem um cemitério...

CLAUDEMIR DA SILVA – XETÁ: Na verdade, os povos Xetá tinham um ritual, quando eles estavam tranquilos, quando a pessoa morria, eles enterrava eles de banda e jogava folha, colocava lenha em cima e tocava fogo, esse era o ritual dos povos Xetá, mas quando eles vivia tranqüilo, e daí quando aconteceu esse massacre, infelizmente foi a mesma coisa de se matar um animal e não aproveitar nada, largar tudo no mato, vamos supor que morre uma vaca lá no lá meio do pasto e quem como é os urubus, então foi mais ou menos assim, ninguém se importou com nada disso...

EDER DA SILVA NOVAK⁹: Acho que assim, a grande questão é em meados do século vinte com a desintegração das terras [...] que os território indígenas foram reduzido de forma considerável, e essa região da etnia Xetá com a chegada do café, o avanço do café na região com um contato mais intenso com o povo Xetá por que o povo Xetá não era [...] o próprio livro aqui do Lúcio mostra claramente lá no século dezenove, agora esse contato mais intenso com a expansão do interesses da frente cafeeira faz com que eles queiram levar esse grupo indígena que esta nesse território, pras terras que foram reestruturadas pelo acordo de mil novecentos e noventa e nove, nos já te-

⁹ Prof. dr. Eder da Silva Novak e Laboratório de Arqueologia, Etnologia e Etno-História da UEM.

mos as terras para os índios não há uma distinção se é Xetá se é Kaingang se é Guarani, as terras para os índios estão reservadas e é “x, y, z”, aqui nesse cantinho não vai ter terra pra índio, então vou pegar esse grupo e vou levá-lo pra essas outras terras, então isso na década de cinquenta, na década de sessenta isso vai acontecer a todo momento na região de Umuarama na região de Nova Teba, só que é claro, eles não vão concordar em sair do lugar por que ali é o território deles, sempre foi, então essa não concordância que leva justamente a um extermínio quase, e aqueles que saem em cima dos caminhões, muitos não chegaram ao destino, você sabe, e alguns são esses que foram protegidos [...] algumas terras indígenas que são os sobreviventes pra contar essa história...

LÚCIO TADEU MOTA: Aqui tem uma coisa importante que eu acho que o impróprio, a luta deles pela terra. O Governo do Estado do Paraná retira eles, o SPI, e o Governo do Paraná titula a Cobrinc com as terras, e a Cobrinc vende as terras para os atuais proprietários, e nessa questão da terra, eles são obrigados a tratar com Brasília que é o Governo Federal, e Governo do Paraná não tem nada com isso, mas foi o governo do Paraná que titulou a companhia, e o Governo do Paraná tá saído ileso dessa disputa dos Xetá para conseguir a terra deles com Brasília, e as pessoa que [...] é uma coisa diferente de outros lugares do Brasil, houve a invasão, a tomada e a titulação, e o Estado do Paraná que fez não tá sendo, tá saindo ileso da disputa, por que a disputa de terra indígena foi considerada federal, e os advogado não tratam dessa questão, eu não sei como é que fica isso...

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: É que no material que eu li eu soube que na América latina só teve dois países que houve, vários na verdade, mas só dois que trabalham essa questão como se fosse um deslocamento forçado de [...], do mesmo jeito que teve a diáspora...

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: Vou passar a palavra pro seu irmão, poder ser?

JOÃO: Pode!

MÁRCIO: Fique a vontade então...

JOÃO: [...] De algumas histórias que meu pai falava mas que na realidade era a verdade, ele contava uma história [...] eles começaram a andar ali no acampamento dos índios [...] e até então ele foi roubado também, roubaram o acampamento, os não índio, eu era criança mais ele contava essa história, o não índio pegou ele pelo pescoço e saiu correndo pra levar pro acampamento, então meu pai não tinha nenhum costume com o pessoal não índio então ele olhava ali na cara daquele homem meu barbudo e pra ele era um bicho, levou ele até o acampamento deles, ai chegando lá eles deram um banho nele com sabonete, vestiram uma roupa nele, e ai trouxeram comida, os não índio pra ele, e ele não comeu aquela comida, ai o que eles fizeram, misturaram um tantinho de açúcar na comida dele e deram pra ele e foi quando ele comeu um pouquinho do arroz com açúcar. Mas ai tem esse tio nosso que mora ali nas Marrecas, e ele era o mais velho então levaram o meu pai e então foram acompanhando eles no meio do mato e chegou até o acampamento, daí viu que era o acampamento e retornou pra trás de novo [...] ele avisou eles que tava lá e daí naquele momento reuniram e foram pra resgatar o meu pai, e daí chegaram lá e mandaram de volta [...], ai quando ele chegou, meu avô foi entregar meu pai pra mãe dele ela recuou, não quis ele por causa do cheiro do sabonete, ai no caminho mesmo meu avô rasgou as vestes dele e deixou no mato pra chegar até o acampamento, ai chegando lá pra minha avó ela não quis, teve que ir lá no rio pra dar um banho nela pra ela aceitar ele. Daí naquela época que começou esse massacre acabar com o povo...

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: E essas pessoas que pegaram ele que eram?

JOÃO MARIA TAPIXI: Daí ele não me falou...

CLAUDEMIR DA SILVA – XETÁ: Eram as pessoas que tava desbravando o mato...

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: Era o madeireiro?

CLAUDEMIR DA SILVA – XETÁ: Sim, exato, isso mesmo.

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: Eram os empregados das colonizadoras?

CLAUDEMIR DA SILVA – XETÁ: Sim, isso mesmo.

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: Por que uma coisa assim que vemos nas documentações é que eles eram topógrafos das empresas, duas empresas, a COBRIMCO e a outra que era Miamura, e ela não era estatal mas só funcionou por que tinha subsídio estatal, eu achei no ITCG o processo de fundação da ITCG, todo subsídio para a contratação de pessoas vem do Governo do Estado do Paraná, e funcionou articulada a empresa de colonização que era um órgão do ITCG, então ai se vê uma ligação direta com o estado, muito direta, e eu queria que vocês falassem um pouquinho eu acho que vocês começaram a falar da historia da Tiguá, vocês conhecem um pouco da história dela?

CLAUDEMIR DA SILVA – XETÁ: Sim, isso a historia dela é aquilo que a gente já falou foi tirado La de um conto, e a esposa desse Antônio Lustrosa que criou ela com a dona Carolina, e hoje a gente conversa com ela na língua, na verdade os povos Xetá tem dois falante da língua, esse meu tio que ta nas Merrecas e eu...

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: Por que a historia que eu vi lá no documentário, queria que vocês complementassem por que foi só um pedacinho que ela conta, que o documentário ia contar mais, mas o que eles colocaram no documentário ficou pequeno, que conta que ela até morou no Mato Grosso, e que ela teve filhos mas não pode, de quem foi esses filhos que ela teve?

CLAUDEMIR DA SILVA – XETÁ: De um não índio...

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: Você sabem que é?

CLAUDEMIR DA SILVA – XETÁ: O pai dessa prima mesmo conhece...

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: E diz que os primeiros filhos que ela teve ela não pode criar as meninas...

CLAUDEMIR DA SILVA – XETÁ: Tem uma filha dela que ta lá em Curitiba que nem mesmo ela sabe onde ta, ta perdida nas periferias de Curitiba...

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: Sabe que é os pais?

CLAUDEMIR DA SILVA – XETÁ: Não.

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: É que aqui na entrevista que ela foi trabalhar, colocaram ela pra trabalhar em um lugar, nunca recebeu salário por muito anos, e que o filho do patrão fez filho nela, e quando ela teve filho era muito jovem, nunca recebeu salário e diz que uns doze quinze anos e nunca recebeu trabalho, e daí como ela não tinha condição de criar tiraram a filha, tomaram as duas meninas, enfim, isso tudo foi posto na história, que tipo de relação que tinha, e aqui conta que o funcionário da FUNAI estava ciente que ela tava lá trabalhando...

CLAUDEMIR DA SILVA – XETÁ: Na verdade, devido à exploração [...] meu pai tinha história dele, cada uma dessas histórias nos acabamos de falar, pra nos é apenas uma história, mas eles sobreviveram até hoje, por que cada um teve teu sofrimento e cada um não sabia do outro, então eles passaram a ter contato a partir dessa data que eu falei pra vocês, foi de mil novecentos de noventa e quatro [...] isso já fazia vinte e tantos anos que ninguém se via mais, quando se encontraram foi uma festança que Deus me livre, eu me lembro até hoje, uma festa muito grande entre os parentes, daí que nos passamos a conhecer primo, tio, essas coisas que nos só sabíamos que existia mas pessoalmente nos nunca tínhamos visto eles, e a partir desse encontro pra que nos temos contato de cada um, como diz a moda hoje a tecnologia

esta muito avançada, o tal de celular hoje ajuda muito a gente, então a gente se fala direto, então melhorou mais a coisa, por que hoje a gente sabe o que ta acontecendo um com o outro....

SCHIRLE MARGARET DOS REIS BRANCO : Aproveitando que tem essa tecnologia, você ta sabendo se alguém de sua família que esta em outros estados, eles também estão prestando depoimentos pra comissão nacional da verdade ou alguma outra comissão estadual da verdade que se chama...

CLAUDEMIR DA SILVA – XETÁ: Olha, que eu sei, os primeiros dos Xetá estamos sendo nós aqui...

SCHIRLE MARGARET DOS REIS BRANCO : Só vocês dois?

CLAUDEMIR DA SILVA – XETÁ: Só nos dois, somos os primeiros dos Xetá que estão dando estes depoimentos...

SCHIRLE MARGARET DOS REIS BRANCO : Lá de Chapecó, que vocês também tem...

CLAUDEMIR DA SILVA – XETÁ: Tem um tio nosso que mora lá...

SCHIRLE MARGARET DOS REIS BRANCO : É que ele também, lá em Santa Catarina também tem um grupo trabalhando, então é importante então depois a gente se comunicar, pra dizer que também tem a comissão estadual lá de Santa Catarina...

CLAUDEMIR DA SILVA – XETÁ: Esses dias atrás mesmo que eu fui em Santa Catarina estive conversando com ele comuniquei lá...

SCHIRLE MARGARET DOS REIS BRANCO : E não estão sabendo de nada...

CLAUDEMIR DA SILVA – XETÁ: Através do professor aqui que fez o convite pra gente [...] vocês cederam um espaço pra gente ta argumentando o que agente sente também, então é o motivo da gente ta aqui hoje, se não fosse por ele nos nem sabia disso...

EDER DA SILVA NOVAK: Essa grande questão se dá por o território Xetá estar em terras paranaenses, outras comissões da verdade não devem tratar essa temática, até desconhecer essa temática, por que o povo Xetá é do noroeste do Paraná, esse é o território deles, então, Santa Catarina não vai abordar isso, é claro que pode abordar a questão chegada até eles dos Xetá tias e tios deles que foram retirados desses territórios nos anos cinquenta sessenta e que foram esparramados para diversas outras regiões ai...

SCHIRLE MARGARET DOS REIS BRANCO : Por que tem a nível de Brasil a comissão nacional da questão indígena, então assim, a gente tem que usar mesmo dessa tecnologia que tem ai, que vocês também tem que abusar pra dizer olha vamos atrás de saber, vamos gritar nossos direitos, então esse é o objetivo que nos viemos dizer aqui...

EDER DA SILVA NOVAK: Mas eu gostaria ainda de mostrar a reportagem pra vocês que nós assistimos antes pra vocês perceberem como que houve uma história criada sobre uma verdadeira história que foi omitida, e como isso se reproduziu mesmo nas escolas e pra sociedade toda, você conversa com alguém lá na sociedade na região de Umuarama, nós temos um menino que esta fazendo uma redação sobre os Xetá, então você tem o [...] da prefeitura de Umuarama, da associação comercial de Umuarama, você tem sempre um histórico da cidade, um histórico da região, e esse histórico é sempre um Histórico que fala de terras inopitas de matas virgens de terrenos inabitados, então se criou uma história justamente pra se negar a existência, e como

que isto esta na fala da população, na fala do professor da escola, na fala das crianças no dia a dia, dos proprietários rurais a pessoas urbanas, então eu acho que essa reportagem que nós conseguimos encontrar até o “Paulinho” mostra muito bem essa situação e a dificuldade que eles encontram pra demarcação da terra, olha o que o apresentador e o gerente da fazenda que já foi Cobrinc Bradesco e hoje é da usina, olha como ele faz essa não relação de existência de índio, nunca teve índio ele vai dizer...

EDER DA SILVA NOVAK: É um canal rural, quem tem parabólica pega o canal rural...

REPORTAGEM: PASSAM TRECHO DE REPORTAGEM NA QUAL SE AFIRMA QUE XETÁS SÃO “ÍNDIOS DO PARAGUAI”

SCHIRLE MARGARET DOS REIS BRANCO : Quem são os personagens dessa história?

EDER DA SILVA NOVAK: É José Eduardo Meireles é o gerente da fazenda...

SCHIRLE MARGARET DOS REIS BRANCO : Essa fazenda é de Santa Maria [...], José?

EDER DA SILVA NOVAK: Eduardo Meireles, gerente da fazenda de São Francisco, da usina de Santa Terezinha. Acabou. Então a questão é bem problemática, como que historicamente isso foi sendo...

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: Eu queria saber o seguinte, tem uma coisa que eu acho que é importante lembrar, assim, os funcionários Nilsmar funcionário do SPI da FUNAI, Nilsmar, Dival e tem mais uns três que são citados, o Dival por outros motivos, mas esse Nilsmar foi citado no relatório Figueiredo por vários crimes cometidos contra indígenas, por trabalho escravo, então eu acho que tem que, assim, novamente, entender quem eram os funcionários, por que eu to falando do Nilsmar, Nils-

mar era um que estava na frente de contato, era um funcionário do SPI e tava na frente de contato...

JOÃO MARIA TAPIXI: Dival Costa Lima...

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: É isso, até que eu is perguntar pro senhor por que ele aparece lá no São Jerônimo, e aqui tem outro relato também que trás a historia, me perdi aqui, enfim, outra... De outros Xetá que passaram pela mesma situação. Vocês conhecem Thiara?

CLAUDEMIR DA SILVA – XETÁ: Sim.

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: Quem é Thiara?

CLAUDEMIR DA SILVA – XETÁ: Essa índia estava lá em São Paulo, e aconteceu uma fatalidade com ela, que ela casou com um não índio, e eu não sei que “zebra” que aconteceu que ela assassinou esse marido...

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: E que [...] o pai da Thiara ou a mãe?

CLAUDEMIR DA SILVA – XETÁ: Isso nós não sabemos, não sei quem era parente mas ai já era do tempo deles, nem mesmo meu pai sabia direito quem era, eu sei que era parente, e daí na época a FUNAI virou as costas pra ela, quem tirou ela da cadeia foi os advogados do estado, ela se irritou muito daí ela desapareceu e não deixou endereço com ninguém, até hoje ninguém tem o contato dela...

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: Aqui apareceram indícios de estupro, que ela foi estuprada, essa Thiara...

CLAUDEMIR DA SILVA – XETÁ: Então, sei que ela matou esse cara que não era índio...

NORTON NOHAMA: Eu gostaria de fazer uma pergunta por que eu não sou da área então talvez alguém possa me esclarecer. Não sei se tem algum trabalho dele da arqueologia sobre os Xetá, por que eu imagino, por exemplo, localizando vestígios das tribos, localizando, por exemplo, um cemitério indígena é possível dar a presença da comunidade, é possível pelo tamanho do cemitério estimar o tamanho da população a que pertencia esse cemitério e o tempo de presença deles? Eu não sei se tem algum estudo arqueológico nesse sentido...

EDER DA SILVA NOVAK: O que o Lúcio estuda aqui são os relatos dos viajantes da segunda metade do século XIX primeiras décadas do século XX, é são esses relatos que mostram a existência desse povo, mas no sentido de pesquisas arqueológicas não temos, estudos assim.

NORTON NOHAMA: Você sabe localizar alguns desses cemitérios da tribo anterior a daquela família?

CLAUDEMIR DA SILVA – XETÁ: Sim. Até inclusive a gente fez um filme com o Fernando Severo, sobre as nossas terras...

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: Seriam cemitérios [...]...

NORTON NOHAMA: Não, os cemitérios mesmo dos índios. A partir da localização, eu posso estar falando bobagem, mas a partir da localização dos cemitérios tradicionais da comunidade, a partir do tamanho dele e dos restos mortais que estão ali, dos objetos, enfim, é possível estimar, em princípio, a permanência dessas comunidades ao longo do tempo, e pelo tamanho dele, o tamanho da população que vivia ali, não sei se a gente tem, mas seria importante fazer uma pesquisa nesse sentido...

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: O que a gente encontrou, o que ela fala foi que chegou a ser criado um tal de parque das Sete Quedas para os Xetá, mas devido a ganância [...] no papel ele chegou a existir...

LÚCIO TADEU MOTA: E a propósito [...] tem mata tem tudo...

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: Chegou a existir, mas foi passado de trator em cima disso, no papel existe chegou como ela disse [...] então isso é uma coisa, ele foi o fundador do departamento de antropologia, ele conheceu o lugar, delimitaram o lugar, um trabalho técnico, o laudo tinha consistência, não foi respeitado, mas tudo isso, estava nessa relação, daí eu acho, continuando, [...] da postura do estado, que isso também é importante, que o estado oficialmente ignorou o parecer de alguém tinha sido presidente do ITC, por exemplo, o Loureiro Fernandes foi presidente do instituto de terras, não era o anti-pólo, o anti-polo [...] fundou o museu paranaense, que foi presidente do ITC, [...] notório saber [...] acho que esse é o caminho que da pra triilhar pela questão estatal, e depois, servidores do órgão investigado pelo relatório Figueiredo ficaram também envolvidos nessa dispersão de contratos, e isso aparece nos [...] de memória que você estava colocando aqui, eu acho que a questão é costurar esses dados, por exemplo, [...]...

SCHIRLE MARGARET DOS REIS BRANCO : Então, pela presença aqui do MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES, pela Comissão Estadual da Verdade, o nosso documento, o documento dessa comissão pode estar apresentando pra comissão nacional buscar essas verdades que não estão claras, esse é nosso papel, então tudo que vocês tiverem idéia, que o pai, o avô, alguém falou, mesmo que os brancos digam: é um indicio, é uma possibilidade, vamos atrás dessa possibilidade, é esse o papel nosso...

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: Segundo a FUNAI, a professora Carmem Lúcia foi quem fez um dossiê e já tem um laudo da terra oficial dos Xetá, eu não sei a onde

é, mas queremos saber, tem esse laudo, esse laudo ta pronto, e tem um dossiê que a professora fez só com documentações do Loureiro Fernandes [...], existe pra demarcação de uma terra hoje, ta na FUNAI parado alguns anos já, mas se hoje [...] tem um laudo feito por antropólogos pela Carmem Lúcia...

LÚCIO TADEU MOTA: Tem um processo da FUNAI em Brasília, todo estudo da Carmem foi retomado pela antropóloga Virginia...

CLAUDEMIR DA SILVA – XETÁ: Isso, hoje a diretora lá é a Giovana e a equipe de antropologia e a Virginia é a antropóloga da equipe...

LÚCIO TADEU MOTA: Que gerou uma demarcação de dois mil e seiscentos hectares, que é a fazenda do Bradesco, só que demarcou, mas não foram feitas as outras etapas, quando a noticia da demarcação surgiu, a comunidade local de Umuarama, começou a se mobilizar contra, [...] então se não houver a pressão a FUNAI não vai dar o próximo passo dela, e deu esse passo por que o Robson chegou na FUNAI e eu conheço, esse processo ta parado desde de dois mil e um, dois mil e dois...

CLAUDEMIR DA SILVA – XETÁ: Eu sei que esta “engavetado” lá faz dez anos já...

SCHIRLE MARGARET DOS REIS BRANCO : Esse é um assunto que amanhã que vocês vão voltar lá com outras pessoas que vão estar lá na prefeitura também, esse é um assunto que nos devemos trazer a realidade, esse é um ponto importante, por que a gente vai apontar não só a não realização de um governo, ou disso ou daquilo, mas o envolvimento de políticos atuais, evidentemente que a gente tem fatos pra ser levantados, então esse assunto amanhã é muito importante ser repetido, nem tudo vai dar pra falar amanhã, mas depois nos podemos pensar um pouco nessas questões para amanhã...

NORTON NOHAMA: Eu queria fazer uma pergunta, em mil novecentos e quarenta e seis tinha mil e setecentos membros da comunidade indígena, o processo maior do extermínio da comunidade, tem mais ou menos uma idéia de que época foi, nessa

década de quarenta, mil novecentos e cinquenta ou novecentos e sessenta, enfim, você tem mais ou menos uma idéia de qual foi o pior momento do extermínio?

CLAUDEMIR DA SILVA – XETÁ: O pior momento foi de cinquenta e cinco pra cá, até mais ou menos setenta, setenta e cinco, ai conseguiram lotar caminhão com índio e sumiram e não tem noticia ate hoje, cada um pegou um indígena e jogou pra um canto, foi isso.

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: Acho que a gente podia conversar um pouquinho sobre amanhã, então, com a licença, explicar um pouquinho como vai ser amanhã, posso?

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: Eu acho que pode, mas só pra gente fazer um fecho aqui, queria perguntar para as pessoas se eles têm alguma questão, faltou alguma coisa, às vezes alguém se esqueceu de perguntar, alguém queira colocar, fiquem a vontade...

SCHIRLE MARGARET DOS REIS BRANCO : Márcio, eu também acho importante como esta sendo gravado, filmado, registrado, hoje é um dia bastante importante pra comissão da verdade, a gente ficou uma tarde inteira aqui, mas eu gostaria muito que as pessoas dissessem quem são, da onde são, por que isso é importante pra dizer que estava aqui na comissão, estavam na reunião participando, e que pessoas que também estão envolvidas com esse assunto e que não puderam estar aqui hoje, por que acho que é importante ficar nesta memória...

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: Só pra gente organizar a dinâmica aqui, não sei se vocês querem fazer mais alguma colocação, mas a gente podia ver se tem mais alguma questão, tanto pro seu Tapixi, tanto pros índios Xetá, e daí a gente encaminhava pra esse fecho organizativo de amanhã, o pessoal se tiver alguma questão, quer perguntar alguma coisa?

PAULO: Sim só um complemento...

SCHIRLE MARGARET DOS REIS BRANCO : Quem você é meu querido?

PAULO: Sou Paulo, sou pesquisador aqui da Tulia, e a gente estava comentando sobre a questão dos Xetá, eu trabalho com os Xetá já tem algum tempo, e tem saído estudos recentes sobre a arqueologia Xetá da Federal Federal do Paraná, eu vi tem uns quinze dias, esse estudo esta saído para uma dissertação de mestrado, e outra questão também que eu pesquisei, trabalhei muito com os Xetá, companheiros de caminhada, e eu identifiquei mais um remanescente Xetá, que a gente não conseguiu entrar em contato, até na época tentamos por meio do Robson, e eu liguei ele esta no município de Rio Verde no Mato Grosso do Sul, eu liguei em prefeitura, liguei em todos os sindicatos, não consegui localizá-lo, eu consegui localizar somente uma irmã dele, que essa irmã adotiva é filha de um dos gerentes do Bradesco, que eu tive a sorte de conseguir pegar a certidão de óbito dele na internet, localizar o jornalista que tinha a mulher que por sua vez conhecia a irmã, só que ela não me respondeu mais, ele ta na Espanha, e parece que o outro irmão dele adotivo esta em Curitiba e a gente não consegue mais contato, tentei com o Robson também, acho que por conta da transferência a gente não conseguiu localizar, mas as noticias que a gente tem é que ele possivelmente seja tio do Claudemir, que ele é filho do [...] que agente tem a certidão de nascimento e de adoção, só que a gente não conseguiu localizar ele ainda...

EDER DA SILVA NOVAK: Sexta feira estive aqui outro colega que esta fazendo mestrado em história, ta estudando o povo Xetá me falou de um depoimento de um Xetá em Douradina [...] e ele fez a coleta da entrevista com ela e transcreveu essa entrevista, vai sair agora na dissertação dele, e no caminho que eu levei ele pra rodoviária ele falou que o depoimento foi muito emocionante, dela né, narrando situações da comunidade, de abusos de fazendeiros para com ela, de retirada das suas filhas, então ela conta isso em depoimento, não sei se isso pode interessar vocês...

NORTON NOHAMA: Como teríamos acesso a ela?

EDER DA SILVA NOVAK: Então, eu ia entrar em contato com o [...] que é esse mes-
trando, pra saber se ele pode disponibilizar pra gente...

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: E a fonte [...]...

EDER DA SILVA NOVAK: Ele deve encerrar o trabalho dele nos próximos dias, ai eu
vejo se ele já disponibiliza pra gente...

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: Seu João, o senhor tinha uma pergunta?

JOÃO MARIA TAPIXI: Eu como estou em frente aos homens da lei, eu queria saber
por que a FUNAI não se manifesta se ela é um órgão federal indigenista pra cuidar
dos índios?

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: O que eu posso responder é que só com
pressão você consegue as coisas infelizmente, há uma boa aventura por parte
dos órgãos, você tem uma ação e reação na verdade...

JOÃO MARIA TAPIXI: Por que a FUNAI ele cobra uma demarcação, ela chega com
[...] faz a demarcação, hoje não, acho que hoje é mais rápido as coisas, mas quando
foi marcar o Barão de Antonina ficaram uns três meses marcando, ai a ultima [...] foi
em baixo de pressão, ai largaram “nois”, eu acho que [...] as coisas erradas, por que
eles falam assim, terras indígenas, mas eu acho que não é dos índios, só o nome que
eles puseram pra ser dos índios, nos somos da União por que eu moro numa terra in-
dígena a setenta e três anos e a única coisa que eu tenho em casa é minha esposa
que pega o meu nome e um fusquinha velho que ta no meu nome e não tenho mais
nada aqui é terra indígena [...] então é um “troço” que como é que o índio vai se mani-

festar se não tem nada no nome dele, fizeram tudo esquematizado e largaram “nois” [...] deixa o índio no fogo e sai fora...

NORTON NOHAMA: Essa é uma coisa que é importante, que fique claro, nos somos uma Comissão Estadual da Verdade, não é um órgão do estado, então somos um conjunto de quatorze pessoas, [...] mas nos não somos um órgão de estado, então nos não temos o poder que tem o judiciário que a partir a gente vai julgar quem tem razão ou não, enfim, a nossa que é uma tarefa muito parecida com [...] é de esclarecer, primeiro de dar voz as vítimas e esclarecer tudo que aconteceu na ditadura militar [...] em mil novecentos e quarenta e seis a mil novecentos e oitenta e oito, nem antes em mil novecentos e quarenta e seis, nem depois de mil novecentos e oitenta e oito. É claro que o regime militar ele deixou uma herança de problemas, nos mais variados, e os problemas relativos aos indígenas é um deles que precisa solução e que não teve até agora, nos não temos a autoridade pra poder determinar essa solução, o que nos traz é o conhecimento de saber a verdade de tudo o que aconteceu e em especial o que aconteceu com as familiaridades indígenas, e surge no estado brasileiro que corrige...

JOÃO MARIA TAPIXI: Eu fiquei preocupado com os Xetá [...] por que pra eles resgatar as terras deles [...] tem que encontrar o cemitério dos índios pra provar que é deles a terra, e ele já falou que era queimado, ai é difícil de achar isso ai, esses índios que passaram pela FUNAI, SPI sabe o que lutou por esses índio pegou esses índio e trouxe e distribuiu ai como ele falou que nem uns cachorrinhos, sabe, não tem nenhum deles pra descrever esse ritual dos Xetá lá...

SCHIRLE MARGARET DOS REIS BRANCO: E que esteja vivo...

JOÃO MARIA TAPIXI: É, e que esteja vivo [...] ter que voltar lá pra ver se encontra osso de índio [...] pra provar uma coisa que, né! Saiu com o caminhão cheio de índio, matou a índia e o indinho, e a FUNAI sabe de tudo que pegou os indinho, levou, distribuiu então ela sabe muito melhor que nos aqui, vocês me desculpem, mas vocês

estão entrevistando as pessoas erradas, essa Carolina se ela criou um indinho ela deve saber até onde é o cemitério dos índios, então é esquisito essas coisas...

SCHIRLE MARGARET DOS REIS BRANCO : Tem que ouvir esse povo...

JOÃO MARIA TAPIXI: Tem que ouvir esse povo, vamos falar a verdade, se tem muito funcionário do SPI [...] o “melhorzinho” eu conheci dois mais ou menos, que era o João Serrano e um tal de [...] mas eles tinha que seguir ordem lá de cima...

SCHIRLE MARGARET DOS REIS BRANCO : Esse Isaac Bavaresco tem alguma questão relacionada com o Ângelo Kretã? De ter passado uma historia com o Kretã, a morte do Kretã também Kaingang...

JOÃO MARIA TAPIXI: Ah, ele foi chefe lá...

SCHIRLE MARGARET DOS REIS BRANCO : As apresentações gente, por que eu acho que é importante...

JOÃO MARIA TAPIXI: Mas eu já apresentei...

SCHIRLE MARGARET DOS REIS BRANCO : Exato, agora falta esse pessoal que ta aqui, nos sabemos quem são vocês como é que vocês não vão saber quem somos nós, vocês devem saber pelo menos com quem que vocês estavam, e amanhã [...] a é, nos estávamos lá juntos...

JOÃO MARIA TAPIXI: Amanhã as vezes algum já foi embora e vai vir gente estranha [...]...

SCHIRLE MARGARET DOS REIS BRANCO: Então professor Éder, e ai do lado o Márcio pode dizer quem é...

MÁRCIO MAURI KIELLER GONÇALVES: Eu sou o Márcio, sou vice-presidente da central de trabalhadores rurais do Paraná, e membro indicado pelo Fórum Paranaense da Comissão Estadual da Verdade Teresa Urban.

ÉDER DA SILVA NOVAK: Bom, eu sou o Éder sou professor aqui da Universidade Estadual De Maringá, pesquisador do laboratório de Arqueologia e Etino História, e nos fizemos a mediação com o Jeferson no Ministério Público pra fazer um contato com os Xetá e com o Tapixi pra estarem aqui presente.

LÚCIO TADEU MOTA: Sou o professor Lúcio Tadeu Mota e eu pesquiso história dos índios, sou pesquisador aqui da UEM.

SCHIRLE MARGARET DOS REIS BRANCO : Eu sou Shirlei Margarete, sou socióloga trabalho no Ministério Publico, e acompanho o Dr. Olimpio Souto Maior Neto, que é Coordenador de Direitos Humanos do Ministério Público, que pede desculpas por não estar aqui, mas vai estar amanhã de manhã com todos os trabalhos também, o Dr. Olimpio é responsável pelo andamento da Comissão Estadual da Verdade, por esse grupo que discute essa questão indígena e a questão dos camponeses, então os professores estão juntos a pedido do doutor Olimpio, que coordena esse grupo junto com a Comissão Estadual da Verdade, o Jeferson e eu somos colaboradores deste trabalho da Comissão Estadual da Verdade, que o Dr. Olimpio também participa no Ministério Publico e nos trabalhamos juntos para que esta questão seja muito levantada, colocada a publico por que muitas pessoas não sabem, então, o importante de estarmos aqui, de falarmos quem nos somos, não temos a solução mas queremos estar participando de diálogos, de conversas e de esclarecimento em busca da verdade pra memória da justiça.

NORTON NOHAMA: Eu sou o Norton e sou servidor da Universidade Federal do Paraná e [...] que foi um movimento da sociedade civil e de várias instituições que entenderam a necessidade desse processo de investigação e estimularam a criação da Comissão Estadual da Verdade e estamos passo a passo acompanhando o trabalho da Comissão e ter o melhor resultado possível de todo esse esforço, e estou me inteirando agora [...] deve ter desembarcado agora [...] quis estar aqui desde cedo mais não foi possível, mas vai estar aqui amanhã, e eu queria deixar já registrado [...] o agrade-

cimento intenso da universidade, ao Lúcio, ao Éder, todos vocês, pelo trabalho que vocês todos fizeram pra tornar possível esse trabalho de hoje, a gente sabe que a audiência de amanhã vai ser muito mais intensa no sentido de pra não da tempo de fazer muita coisa, então o dia de hoje é um dia muito importante pra nos, essa dinâmica de trabalho de ta mais a vontade pra conversar, de trazer nossos companheiros indígenas pra conversar com a gente, todas essas coisas que vocês fizeram não é pouco, não é fácil, não é simples, então eu queria deixar esse agradecimento desde já e também faremos amanhã em publico.

JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES: Meu nome é Jefferson sou professor de história da rede publica do estado e trabalho no Ministério Publico há um ano, e a gente ta fazendo o possível pra levantar as relações que aconteceram no período da ditadura com os grupos indígenas que a gente acredita que são os grupos mais marginalizados.

TATIANA: Eu sou Tatiana, sou aluna do curso de história aqui da UEM, orientanda da professora Isabel trabalho com os Kaingang.

ISABEL: Sou Isabel Rodrigues, sou professora do departamento de história, também pesquiso as fontes Kaingang, mas, mais na área e etnografia, sou presidente da CUIA que é o programa de universidade para os índios, que cuida da política afirmativa do Paraná, então nos acompanhamos ai no estado com outros professores das universidades publicas, essa entrada dos universitários indígenas na universidade.

BEATRIZ: Sou Beatriz Rosa, sou graduanda do curso de história, orientanda do professor Éder e do professor Lúcio, e faço parte do grupo que faz a sistematização das fontes cedidas pela ASI.

CAROLINE: Meu nome é Caroline Mançano, também sou orientanda do professor Lúcio e do professor Éder, e junto com a Beatriz nos duas estávamos ate analisando um

documento que falava desse cacique Ângelo Kretã, que a morte dele foi constatada pela FUNAI que foi um acidente de carro, então essa questão de como que a FUNAI quer ser vista pela sociedade, por que antes de começarmos a ler os documento, pra mim que a FUNAI era um anjinho que está salvando tudo...

BEATRIZ: Nesse caso do Ângelo Kretã, falou no começo do documento que ele tinha sido vitima de um acidente de carro, que a FUNAI tinha concordado, mas na verdade não, que houveram testemunhas que falaram que na verdade ele tinha sido assassinado por um jagunço, e que inclusive ele tinha ido ate a delegacia da FUNAI dias antes pedir ajuda pela proteção da vida dele já que ele vinha sofrendo ameaças, mas que ainda assim depois dele ter sido morto a FUNAI concordou de que tinha sido apenas um acidente.

FELIPE: Eu sou Felipe, faço a filmagem das reuniões da Comissão da Verdade em Curitiba e pro Ministério Publico.

NORTON NOHAMA: Então uma salva de palmas para os nossos colegas.

Centro de Apoio Operacional das Promotorias de Justiça de Proteção aos Direitos Humanos
